



**UFS - UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**  
**CCBS - CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE**  
**DBI - DEPARTAMENTO DE BIOLOGIA**

**NAS CORRENTES DA MARÉ: A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA  
INTEGRAÇÃO ENTRE COMUNIDADE PESQUEIRA E A ESCOLA**

**Kassiane Queiroz Feitoza**

São Cristóvão, SE

2025

**KASSIANE QUEIROZ FEITOZA**

**NAS CORRENTES DA MARÉ: A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA  
INTEGRAÇÃO ENTRE COMUNIDADE PESQUEIRA E A ESCOLA**

Trabalho de conclusão do curso apresentado ao Departamento de Biologia da Universidade Federal de Sergipe, como parte integrante dos requisitos para a obtenção do título de licenciada em Ciências Biológicas, sob a orientação da Profa. Dra. Aline Lima de Oliveira Nepomuceno.

São Cristóvão, SE

2025

Dedico aos passos silenciosos dos meus avós, que trilharam caminhos do manguezal mosqueirense ao mercado municipal de Aracaju, com as rudias da pescaria equilibradas sobre a cabeça e o coração guiados pela maré. Aos meus pais e tios pescadores, que, com mãos calejadas e olhar atento, mantêm viva a tradição do rio; à minha mãe e tias marisqueiras, que entre mangues e águas rasas colhem o sustento e semeiam cuidado e conhecimento nas próximas gerações. Aos frutos de todas essas vidas que fizeram da conservação ambiental um pilar da cultura e da vida.

## AGRADECIMENTOS

Esta seção perpassa o espaço sideral, iniciando sob o infinito, ao meu Deus sinônimo de alicerce, amparo e sustento durante toda a caminhada. Para além, tocando ao infinito das rosas, a virgem Maria, em seu Título de Senhora da Conceição, Padroeira do Mosqueiro, a quem tanto roguei, me cobriu com o seu Manto Azul de proteção. Agora, ao infinito restrito *in memoriam* do meu irmão, Marcio Da Conceição Queiroz Feitoza, o sistema maquiado que me impõe tal posição, não o permitiu chegar até aqui (silêncio), aos meus avós abraçados também a este infinito, eterna gratidão.

Pousando na terra, ao meu berço materno, a família Queiroz que em sua identidade carrega o manguezal como subsistência, com total resistência à minha mãe, Maria dos Passos Queiroz quem ajoelhou todos os dias por esta conquista, as minhas tias que como pilastras me sustentaram, a todo tempo, Adeilde Queiroz, Jovanildes Queiroz, Maria Aparecida Rodrigues, Maria Antonia Rodrigues, Maria Nilza Queiroz, Maria Nildes Queiroz, Maria José Rodrigues e tios Jorge Queiroz, Edenilton Queiroz, Edivaldo Queiroz e Edinaldo Queiroz por cada auxílio, amor e oração, agradeço infinitamente. As minhas almas gêmeas, minhas irmãs genéticas, Kaliana Queiroz Feitoza e Beatriz da Conceição por podar as pedras do caminho, para que o meu percurso fosse leve.

Aos irmãos do coração, Ellen Beatriz Queiroz, Luiza Samara Queiroz, Anna Beatriz Rocha, André Luiz Santos Reis, Augusto Queiroz Leite, Lucas Feitoza e Andrey Conceição, sonhar a infância com vocês, me trouxe até o êxito. Com todo carinho do coração, agradeço, de forma profunda, aos meus tios amados, Ana Paula Rocha Queiroz e Alisson Jairo Brito, por todo apoio, amor e generosidade.

Ao meu leito paterno, a família Feitoza, cuja alma se entrelaça às águas do Rio Vaza-Barris, onde a vida pulsa em remos firmes e redes lançadas com esperança. Ao meu amado pai, Heleno da Conceição Feitoza, minha maior inspiração, agradeço por toda a luta e força para me ver chegar ao triunfo, a matriarca dona Jandira Feitoza, por toda a doçura do amor que me renova a cada encontro, mostrando-me o quanto sou capaz. De forma singular, aos meus tios Edilton Feitoza, Edivanio Feitoza, Erisvaldo Feitoza, por imergir calma, serenidade e paz, neste processo. Junto a eles, as minhas tias Elenice Feitoza, Edirane Feitoza e Helena Feitoza, cada gesto, cada presença, foi semente de amor que floresceu em mim.

Aos laços que a comunidade do Mosqueiro me deu, em tamanha generosidade, Mauricio Oliveira, Ingrid Brito, Estevan Maia, Gabriel Nascimento, Nataly Santos, Denisson

Santos e Rodrigo Maia. Com o coração bordado de luz e a alma em reverência, agradeço infinitamente. Aos companheiros de jornada, meus biólogos com quem dividi todo o fardo da graduação, a gratidão transborda em meu coração, vocês fazem parte de toda história, em especial Kaylaine Oliveira, Caroline Brito, Wellington César, Arthur Gomes, Daiane Suellen, Gabriel Guilherme, Máisa Reis e Mariana Xisto. De maneira geral, a toda minha turma da licenciatura, vocês foram essenciais no processo.

Ao berço que não nasceu comigo, mas vive em mim, a família assessoria que o Rosa Elze me presenteou, as meninas da casa cem, Milena Oliveira e Lucidara Antunes, as garotas da casa duzentos Acacia Silva, Elaine Santos e Anamim Eduarda, por não soltarem as minhas mãos, por me esperar chegar por mais tarde que fosse e por comer comidas vencidas comigo, Deus abençoe e conceda muito sucesso a todas.

Aos mestres que semeiam saber com mãos de luz e paciência, meu mais profundo agradecimento, Prof<sup>o</sup> Dr<sup>o</sup> Marcelo Brito, Prof<sup>o</sup> Dr<sup>o</sup> Bruno Lassmar, Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Sindiany Caduda, Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Isabela Correia, Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Kamila Sobral e Prof<sup>o</sup> Dr<sup>o</sup> Augusto Vinicius. Vocês, que não apenas ensinam, mas despertam mundos adormecidos, são faróis em meio às incertezas, escultores de futuros e guardiões dos sonhos. De forma especial, à minha orientadora Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Aline Lima de Oliveira Nepomuceno, grande responsável por entusiasmar meu coração a Educação Ambiental, obrigada por cada palavra partilhada, cada gesto de cuidado, todos os aprendizados me fizeram florescer sob a sombra generosa do seu saber.

Para além, deixo um grande e sentido agradecimento à minha orientadora de PIBIC, Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Aline Ramos, por tocar, com delicadeza e firmeza poética, a tessitura da minha construção como sujeito ecológico. Sua orientação não foi apenas técnica, mas um gesto de cuidado que cultivou pensamento, crítica e pertencimento. Aos grupos de estudos GEPEASE e GEPERE, dos quais tive a honra de participar, pelos momentos de aprendizado coletivo, pelas trocas enriquecedoras e pelo apoio mútuo que tanto contribuíram para minha formação acadêmica e pessoal.

Por término, agradeço, com respeito e afeto, às instituições que acolheram meu percurso, por cada espaço de aprendizado, troca e crescimento. Foram solo fértil onde minhas raízes se firmaram e meus sonhos puderam florescer, Universidade Federal de Sergipe, Projeto de Monitoramento de Praias da Bacia Sergipe- Alagoas, Colégio Municipal Manoel de Jesus Silva, Colégio Estadual Leonor Teles de Menezes, Portugal e Instituto Vale do Cotiguiba- Idesa Brasil.

## RESUMO

Em aspectos científicos, o silenciamento da Educação Ambiental na rede básica de ensino, na comunidade do Mosqueiro motivou esta pesquisa que teve como objetivo Conhecer de que forma os saberes ecossistêmicos dos pescadores artesanais podem ser incorporados ao contexto escolar, promovendo o diálogo entre escola e comunidade e contribuindo para a conservação da ictiofauna nativa. As diretrizes metodológicas que sustentam esta pesquisa configuram-se como: Aplicada, Exploratória e Qualitativa. A análise dos dados utilizada foi a triangulação dos dados, sendo os participantes discentes que cursam o Ensino Médio regular no Colégio Leonor Teles de Menezes, bem como, Pescadores Artesanais da Associação de Pescadores e Marisqueiras do Mosqueiro. A pesquisa realizou-se em dois cenários, respectivamente, a própria escola mencionada anteriormente e a foz do Rio Vaza-Barris. Os resultados obtidos evidenciam que ainda há silenciamento da Educação Ambiental de Base Comunitária na escola investigada e, que por vezes, a cultura, hábitos e costumes da comunidade pesqueira onde está escola está inserida distanciam-se em larga escala do processo de ensino e aprendizagem. Porém, a pesquisa apresenta-se como esperança, para o despertar desse olhar da comunidade escolar para a comunidade em que os alunos estão inseridos. Ademais, os resultados obtidos por meio das entrevistas semiestruturadas evidenciam a relevância e a potencialidade dos saberes ecossistêmicos dos pescadores artesanais para a implementação da Educação Ambiental tanto de forma transversal, conforme orienta as políticas públicas curriculares, quanto no âmbito de conteúdos específicos abordados em componentes curriculares distintos.

**Palavras-chaves:** Etnoictiologia; Pesca Artesanal; Ensino; Saberes ecossistêmicos; Documentário; Rio Vaza-Barris.

## LISTA DE FIGURAS

- Figura 1.** Rede Hidrográfica do Rio Vaza-Barris, que banha os municípios de Aracaju, Itaporanga d 'Ajuda e São Cristóvão. Com enfoque no trecho estuarino de Aracaju 13
- Figura 2.** Traçado do percurso entre o cenário 1(à escola) e cenário 2, (o Estuário do Rio Vaza-Barris) 16
- Figura 3.** Fotos ilustrativas referente a rotação por estações 19
- Figura 4.** Fluxograma representando as três etapas da pesquisa: (1) reunião com direção, corpo docente e mobilização nas turmas do Ensino Médio; (2) mobilização na Associação de Pescadores e Marisqueiras, rotina de pensamentos e rotação por estações; (3) entrevistas aos pescadores, produção do documentário e retorno à comunidade 20
- Figura 5.** Sintetização dos conhecimentos prévios dos alunos 25
- Figura 6.** Sintetização dos conhecimentos prévios dos alunos 31
- Figura 7.** Entrevista semiestruturada para produção do documentário, na Foz do Rio Vaza-Barris, condução no formato 1 mostrando o pescador e o(a) aluno(a), formato 2, aparecendo apenas o pescador 35
- Figura 8.** Identidade visual do documentário, a camisa disponibilizada aos pescadores artesanais, os adesivos: diretor(a) de tempo, diretor(a) de entrevista, diretor(a) de áudio oferecido aos alunos e o cartão com as perguntas para entrevista semiestruturada 42

## LISTA DE QUADROS

**Quadro 1.** A. Maquinário destruindo manguezal no Mosqueiro para construção; B. Limpeza no Rio Vaza-Barris realizada pelo Ministério de Meio Ambiente; C. Festa dentro do Rio Vaza-Barris reunindo centenas de turistas 22

**Quadro 2.** Principais espécies de incidência no Rio Vaza-Barris pontuada pelos educandos. Status de conservação (Fishbase): Menos preocupante (LC), Não consta (NC), Vulnerável (VU), Dados insuficientes 28

**Quadro 3.** (A) Categoria temática consiste no agrupamento de dados ou respostas que compartilham um mesmo conteúdo; (B) Perguntas relacionadas; (C) Articulação da categoria com os objetivos da pesquisa 34

## **LISTA DE SIGLAS**

BNCC- Base Nacional Comum Curricular

CNS - Conselho Nacional de Saúde

EABC- Educação Ambiental de Base Comunitária

EA- Educação Ambiental

IBAMA - Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis

IUCN - International Union for Conservation of Nature

LC - Menos preocupante

NC- Não consta

PCNS- Parâmetros Curriculares Nacionais

TALE - Termo de Assentimento Livre Esclarecido

TCLE - Termo de Consentimento Livre Esclarecido

UFS- Universidade Federal de Sergipe

VC - Vulnerável

ZEU - Zona Eixo de Estruturação da Transformação Urbana

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	<b>11</b>
1.1 Navegando pelos Caminhos Metodológicos da Pesquisa	15
<b>2. ENCONTROS E DESCOBERTAS: ANÁLISE DO CENÁRIO 1 A ESCOLA</b>	<b>22</b>
2.1 Vozes que constroem: Escuta Ativa com a Direção Escolar e Corpo Docente	22
2.2 Marés de Ideias: antes, pensava o que?	25
2.3 Travessia por Estações do Conhecimento	28
2.4 Novos Horizontes: agora, penso que?	31
<b>3. VOZES DO RIO: ENTREVISTAS COM OS PESCADORES NO CENÁRIO 2, ÀS MARGENS DO VAZA-BARRIS</b>	<b>33</b>
3.1 Narrativas dos Pescadores Locais	34
3.2 O Retorno à Comunidade	42
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>44</b>
<b>5. REFERÊNCIAS</b>	<b>48</b>
<b>6. APÊNDICE 1 - Parecer Comitê de Ética</b>	<b>47</b>
<b>7. APÊNDICE 2 - Roteiro de entrevista semiestruturada</b>	<b>57</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Nascida e criada em berço pesqueiro, sob as correntes de águas do rio Vaza-Barris, Mosqueiro, Aracaju SE, o mínimo de responsabilidade que me assola principalmente como futura licenciada em Ciências Biológicas, é poder retribuir à natureza os cuidados análogos aos que recebi em meu processo de formação humana e ambiental. Durante meu desenvolvimento ontogenético, ao observar atentamente o ecossistema estuarino berçário da fauna marinha e fonte de subsistência para as populações locais, questionava-me recorrentemente acerca dos mecanismos de preservação dessa imensidão ecológica e da mitigação dos impactos antrópicos sobre esses recursos naturais.

Contudo, a instituição escolar do território que estudava, desprovida de abordagens pedagógicas contextualizadas e projetos de Educação Ambiental efetivos, falharam em proporcionar respostas e/ou caminhos consistentes a esses questionamentos. Logo, ao adentrar a Universidade Federal de Sergipe (UFS), notei que ações de Educação Ambiental (EA) poderiam contribuir para a conservação da imensidão situada anteriormente.

Tendo em vista que, a EA é um processo educativo que almeja construção de indivíduos críticos e participativos, para condução de debates e ações sobre as questões socioambientais, incorporando extensões ecológicas, políticas, éticas e culturais (Loureiro, 2004). A sua implementação em comunidades costeiras, é fundamental para garantir a conservação ambiental, sustento das comunidades tradicionais que dependem dos ecossistemas naturais para manutenção das condições materiais de existência, bem como, para a permanência da identidade local. Com isso, a etnoictiologia, fomentada com base na relação entre o peixe e o ser humano, encabeça a estabilidade nas comunidades pesqueiras, tanto em aspecto de elo territorial com o ambiente, quanto em dependência de subsistência.

Neste ínterim, ações antrópicas de exploração como a pesca predatória de animais marinhos em período de reprodução, poluição, supressão dos manguezais e a expansão urbana são ameaças ao ambiente natural. Em virtude disso, a escola, enquanto instituição formadora, tem a potencialidade para buscar além da teoria, ações concretas que empoderem crianças, jovens e adultos a protegerem seus territórios, garantindo que o rio, o manguezal e o mar continuem a ser fontes de vida e identidade para as gerações futuras.

De acordo com Pelacani (*et al* 2021, p. 05), a Educação Ambiental de Base Comunitária- EABC, manifesta de “uma estreita parceria com as comunidades, levando-se em conta os contextos locais, as especificidades dos territórios, bem como empregando os saberes locais e as memórias comunitárias como elementos basilares de suas propostas pedagógicas”.

A EABC desempenha papel essencial na valorização e manutenção dos conhecimentos tradicionais, pois possibilita a criação de espaços de diálogos que reconhecem a essência do ser em sua própria comunidade. Essa perspectiva garante que a cultura e os saberes construídos nas vivências cotidianas e nas conexões com a natureza — transmitidos de geração em geração — encontrem legitimidade e expressão na sociedade contemporânea.

No âmbito da pesquisa em desenvolvimento, a EABC evidencia a relevância da etnoictiologia da comunidade mosqueireNSE, uma vez que essa abordagem permite compreender como os pescadores identificam, classificam e utilizam os peixes, reconhecendo seus períodos reprodutivos e suas distribuições. Tais saberes ecossistêmicos locais, frequentemente marginalizados pela ciência formal, revelam formas próprias de conhecimento que contribuem de maneira significativa para a ampliação dos horizontes da conservação ambiental pesqueira.

Nesse contexto, o cinema e o audiovisual assumem papel estratégico como mediadores entre o saber científico e o saber tradicional, configurando-se como instrumentos potentes na disseminação de conhecimentos e na formação de percepções ambientais críticas (Oliveira, 2006; Fischer, 2009). O uso de recursos audiovisuais — como fotografias e documentários — no âmbito cultural e pedagógico amplia a dinâmica educativa, possibilitando a visibilidade das narrativas locais e o reconhecimento dos sujeitos que constroem o conhecimento ambiental a partir de seus territórios.

No âmbito educacional, os Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 1997), referenciam a EA na rede básica de ensino para ser desenvolvida no Currículo como temas transversais ou seja não como uma matéria isolada, mas interdisciplinar em uma proposta de ampliação disposta em todas as áreas do conhecimento. Nesta direção, a Base Nacional Comum Curricular do Ensino Médio – BNCC/EM (Brasil, 2018), incentiva as práticas de ensino, por meio da contextualização da realidade na qual os alunos estão inseridos.

Diante desse cenário, a preparação dos educadores deve facilitar essa adaptação, promovendo a incorporação das especificidades locais nos programas de ensino e apoiando o desenvolvimento de uma atuação pedagógica articulada que considere a inserção das particularidades regionais (Nascimento *et al.*, 2021).

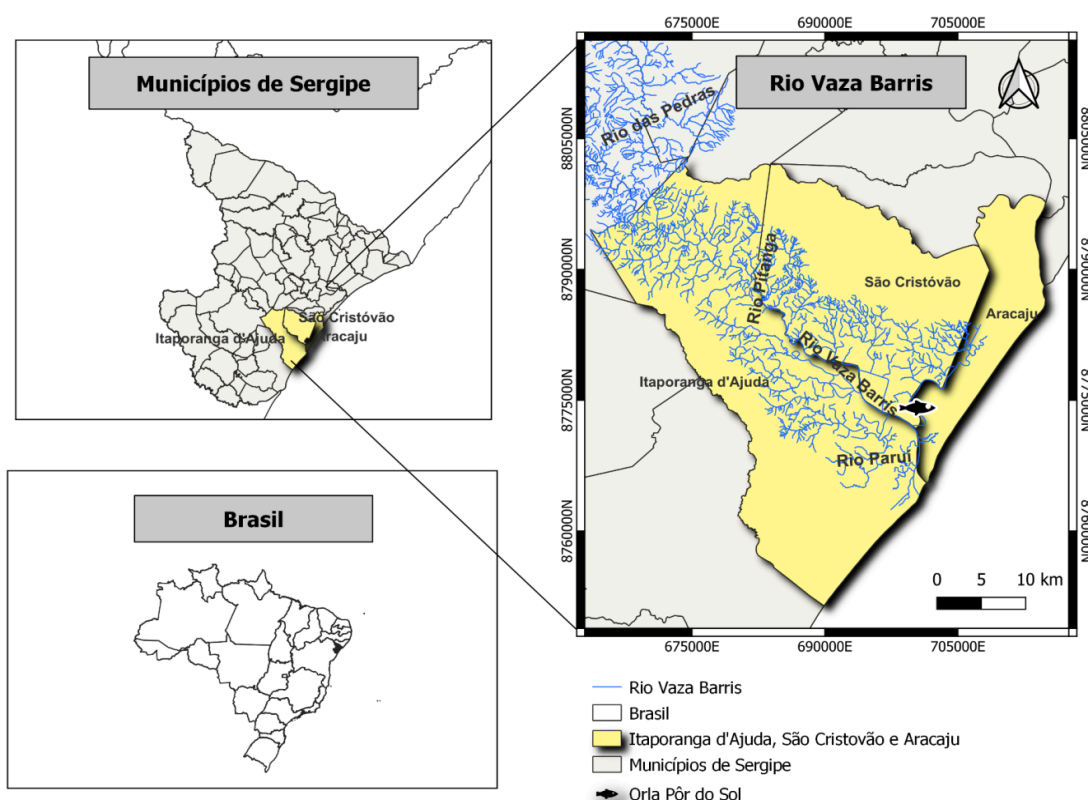
Com o exposto, retorno à comunidade que nasci e fui criada com o propósito de sensibilizar os alunos do Colégio Leonor Teles de Menezes para a conservação da ictiofauna nativa do Rio Vaza-Barris, através de recursos audiovisuais. Para além disso, fomentar reflexões críticas sobre o sentimento de pertencimento dos estudantes em relação ao seu

território, investigando de que maneira se reconhecem como parte integrante deste tecido social e ambiental.

Nesta perspectiva, no que tange ao contexto territorial, a comunidade mosqueirense, onde foi desenvolvida esta pesquisa, localiza-se na Zona de Expansão Urbana, banhada pelo estuário do Rio Vaza-Barris, situado no bairro, como exibido a (figura 1), ilustra os Municípios de Itaporanga d'Ajuda, São Cristóvão e Aracaju, que são interligados pelo curso do Rio Vaza-Barris e seus afluentes, como o Rio Pitanga e o Rio Paru.

Ao lado esquerdo, é apresentado tanto o mapa de Sergipe, destacando as regiões de análise, quanto o contexto nacional, através do mapa do Brasil. Em virtude disso, destacamos que o local da realização da pesquisa encontra-se nas coordenadas geográficas  $10^{\circ}57'15''S$   $37^{\circ}02'30''W$ , constituindo um importante ecossistema manguezal da região metropolitana de Aracaju (Leite, 2007).

**Figura 1.** Rede Hidrográfica do Rio Vaza-Barris, que banha os municípios de Aracaju, Itaporanga d'Ajuda e São Cristóvão. Com enfoque no trecho estuarino de Aracaju



**Fonte:** Leite (2007).

**Organização e Elaboração:** Silva (2025).

Dessa forma, acreditamos no potencial da pesquisa como instrumento para fortalecer o sentimento de pertencimento da população, promovendo a sensibilização e o cuidado com os

recursos naturais pesqueiros. A valorização dos saberes tradicionais, transmitidos de geração em geração, contribui significativamente para o desenvolvimento de valores, atitudes e competências essenciais à formação cidadã. Nesse contexto, a escola, ao considerar a realidade local, tem o papel fundamental de promover uma educação contextualizada e significativa. Assim, o uso de recursos audiovisuais, nesta pesquisa, potencializou o elo entre os pescadores artesanais e a comunidade escolar de forma prática, por meio da etnoictiologia.

A Etnoictiologia é um ramo que busca estudar a dinâmica da interação entre seres humanos e peixes, envolvendo a percepção humana acerca deste recurso ao englobar aspectos cognitivos e comportamentais (Marques, 1995). Possibilitando entender como o ser humano compreende, classifica e utiliza os recursos ictiológicos, bem como obter informações que possam auxiliar na conservação e eficácia do manejo pesqueiro das espécies (Silvano *et al.* 2009).

Por isso, investigar e compreender a dinâmica desta relação tem grande importância para o andamento da pesquisa, tendo em vista que, a etnoictiologia tem a potencialidade de preservar a identidades de comunidades costeiras, por meio da relação natureza-homem e principalmente de garantir a preservação ambiental ictiológica, visto que, essas gerações oferecem informações sobre os aspectos biológicos detalhadas que podem subsidiar estratégias para a conservação de recursos pesqueiros, bem como, sensibilizar quanto ao sentimento de pertencimento local e reconhecimento da riqueza ambiental que garantem modos de vida.

Diante dessa perspectiva, a presente pesquisa busca responder o seguinte questionamento: Como os Saberes Ecosistêmicos dos pescadores artesanais, podem aproximar a escola e a comunidade, promovendo a conservação da ictiofauna nativa? A indagação formulada na infância requer agora investigação sistemática para verificar a viabilidade de articular preservação ecossistêmica e salvaguarda cultural fundamentada no contexto local.

Com isso, para responder à pergunta de pesquisa, o objetivo geral busca analisar de que forma os saberes ecossistêmicos dos pescadores artesanais podem ser incorporados ao contexto escolar, promovendo o diálogo entre escola e comunidade e contribuindo para a conservação da ictiofauna nativa. Com isso, delineamos os seguintes objetivos específicos:

- Conhecer os saberes prévios dos alunos sobre a ictiofauna nativa do rio Vaza-Barris e sobre a pesca artesanal local;
- Articular o conhecimento ecossistêmico local dos pescadores artesanais com informações científicas disponíveis sobre o rio Vaza-Barris, valorizando os

saberes tradicionais e subsidiando ações educativas voltadas à conservação da ictiofauna;

- Sensibilizar a comunidade escolar sobre a importância da ictiofauna do Rio Vaza-Barris, através da etnoictiologia.

A escolha deste objeto de pesquisa decorre, primordialmente, de uma inquietação pessoal que transcende a mera ocupação espacial, referindo-se à profunda relação de pertencimento à comunidade do Mosqueiro, laços estes consolidados através da dependência socioeconômica da pesca artesanal. Esta motivação foi substancialmente reforçada durante a experiência extensionista intitulada "Mergulhando com Peixes: Vivências com a Ictiofauna Nativa", desenvolvida no âmbito da EA, no laboratório de Ictiologia do Departamento de Biologia, da UFS, enquanto aluna bolsista.

Embora, esta atividade extensionista citada no parágrafo anterior não tenha sido realizada no estuário do Vaza-Barris, a observação dos discentes no Laboratório revelou uma paradoxal realidade: mesmo oriundos de regiões pesqueiras neotropicais, em sua maioria, os estudantes da rede básica de ensino do Estado de Sergipe que visitavam o laboratório, demonstravam notória desconexão com os ecossistemas aquáticos locais. Esta constatação evidencia uma possível lacuna entre o conhecimento acadêmico formal e a realidade socioambiental vivenciada pelos alunos, fator que contribuiu decisivamente para a definição do presente objeto de estudo.

### 1.1 Navegando pelos Caminhos Metodológicos da Pesquisa

Quanto à classificação metodológica, este estudo caracteriza-se como pesquisa aplicada, uma vez que visa produzir saberes direcionados à resolução de desafios concretos, com ênfase na realidade local. Outrossim, esta pesquisa configura-se como de natureza exploratória, buscando compreender o fenômeno investigado em sua manifestação concreta, seus significados intrínsecos e o ambiente sociocultural no qual está inserido. Parte-se do princípio de que as ações humanas somente podem ser adequadamente interpretadas quando consideradas em seu contexto relacional e situacional específico (Pioservan *et al.*, 1995).

Somado a isso, esta pesquisa ancora-se na abordagem qualitativa, visto que, responde a questões muito particulares. Preocupando-se nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. [...] Trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes, o que corresponde a um espaço mais



A escolha dos pescadores como grupo de estudo se justifica pela relevância do Conhecimento Ecosistêmico<sup>1</sup> no contexto da conservação da ictiofauna do Rio Vaza-Barris. Esses trabalhadores detêm saberes empíricos acumulados ao longo de gerações sobre as espécies nativas, seus períodos de reprodução e os impactos ambientais na pesca. Esse conhecimento tradicional, aliado à ciência, pode contribuir para estratégias mais eficazes de manejo sustentável e EA (Barenho *et al.*, 2007).

Ressaltamos que conduzimos a pesquisa com aprovação do Comitê de Ética, sob o nº:7.567.754 (apêndice 1) conforme as Resoluções nº. 466, de 12 de dezembro de 2012, a Resolução nº. 510, de 07 de abril de 2016 e Norma Operacional nº. 001/2013 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), para a aplicação da entrevista, pois trata-se de uma pesquisa com seres humanos. Com isso, na fase preliminar, cumprimos os requisitos éticos mediante aplicação do TCLE para os responsáveis pelos alunos e para os pescadores artesanais TALE, além da obtenção das autorizações para confidencialidade, uso de imagem/áudio e infraestrutura.

Em virtude disso, os nomes reais foram substituídos por identificações alfanuméricas, tais como participante A, participante B, participante C, participante D, sendo a palavra participante adequada ao contexto, por exemplo, pescador A e/ou alunos A e assim sucessivamente, assegurando o anonimato para evitar possíveis reconhecimentos individual.

A fase 1 da pesquisa, ocorreu em um único dia, no primeiro cenário, o colégio, realizamos uma reunião rápida com a diretora e o professor de biologia objetivando mapear as iniciativas de EA previamente implementadas ou não, avaliar sua articulação com o contexto local, identificar possíveis lacunas quanto ao silenciamento da EA na escola. Bem como, mapear as características dos alunos, no que tange a competências e habilidades que gostam de trabalhar/produzir.

Concomitante, efetuamos um diagnóstico ambiental no entorno do bairro, mediante registros publicados das principais ameaças ao ecossistema local. Sendo estas, de acordo com Mangue Jornalismo (2024), que destacou o aterramento do mangue e a ameaça ao Rio Vaza-Barris; G1 (2022), que noticiou o mutirão de limpeza de rios realizado na Orla Pôr do Sol; e Conceição (2015), que analisou a (in)sustentabilidade turística no estuário do Rio Vaza-Barris/SE à luz da legislação vigente. Este breve levantamento (detalhado no quadro 1) permitiu uma compreensão abrangente das dinâmicas socioambientais na área de estudo que

---

<sup>1</sup> Berkes (2017, p. 8) define o conhecimento ecosistêmico como “um corpo cumulativo de conhecimento, prática e crença, evoluindo por processos adaptativos e transmitido através de gerações por transmissão cultural, sobre a relação dos seres vivos (inclusive humanos) entre si e com seu ambiente”

afetam a ictiofauna nativa, a comunidade ao entorno, bem como mapear as aptidões dos alunos, fornecendo subsídios consistentes para as etapas subsequentes da pesquisa.

Com base nisso, partindo para o primeiro dia da segunda etapa, ainda no cenário 1, realizamos uma mobilização nas turmas do Ensino Médio, 1<sup>a</sup> A, B; 2<sup>a</sup> A, B; 3<sup>a</sup> A, B, no turno da tarde, com o intuito de explicar a proposta da pesquisa e convidá-los a participação. Com isso, iniciamos o segundo dia com os 6 alunos que aceitaram participar, 4 sendo das primeiras séries e 2 das segundas séries.

Os alunos, foram inseridos em uma rotina de pensamento denominada “*Antes eu pensava que..., agora penso que...*”, com o objetivo de identificar seus conhecimentos prévios acerca da ictiofauna nativa, bem como o nível de pertencimento cultural, a fim de refletir sobre possíveis mudanças de percepção ao longo da atividade. Em seguida, foi realizada a rotação por estações, organizadas em três momentos distintos. Segundo Morán (2018, p. 61), a rotação por estações “é uma forma interessante de aprendizagem em times” que envolve “atividades diferentes – uma ao menos digital” realizadas em grupos com tempos iguais, culminando na partilha de descobertas e questões em conjunto. Sendo assim, na prática os educandos foram divididos em dupla, cada dupla compunha uma estação, com duração de 10 minutos cada:

- A primeira estação consistiu na exibição de um vídeo explicativo denominado Pesca: impactos e sustentabilidade.<sup>2</sup> Ao lado, um cartaz exibia a pergunta: “Esse vídeo te lembra alguma coisa?”, estimulando a conexão entre o conteúdo apresentado e as vivências dos estudantes.
- A segunda estação contou com a apresentação de algumas espécies de peixes, descritas no Catálogo das Espécies Nativas do Rio Vaza-Barris (Divino, 2015), no qual os alunos foram convidados a folhear o material, observando as ilustrações e descrições das espécies, sem necessidade de leitura integral. A pergunta proposta foi: “Você conhece alguma dessas espécies?”. Com o objetivo de articular os conhecimentos prévios dos alunos, aos científicos. Ademais, observaram a seguinte notícia referente ao bairro.<sup>3</sup> Ao lado da notícia, a pergunta proposta: “o'que acha desta notícia?”

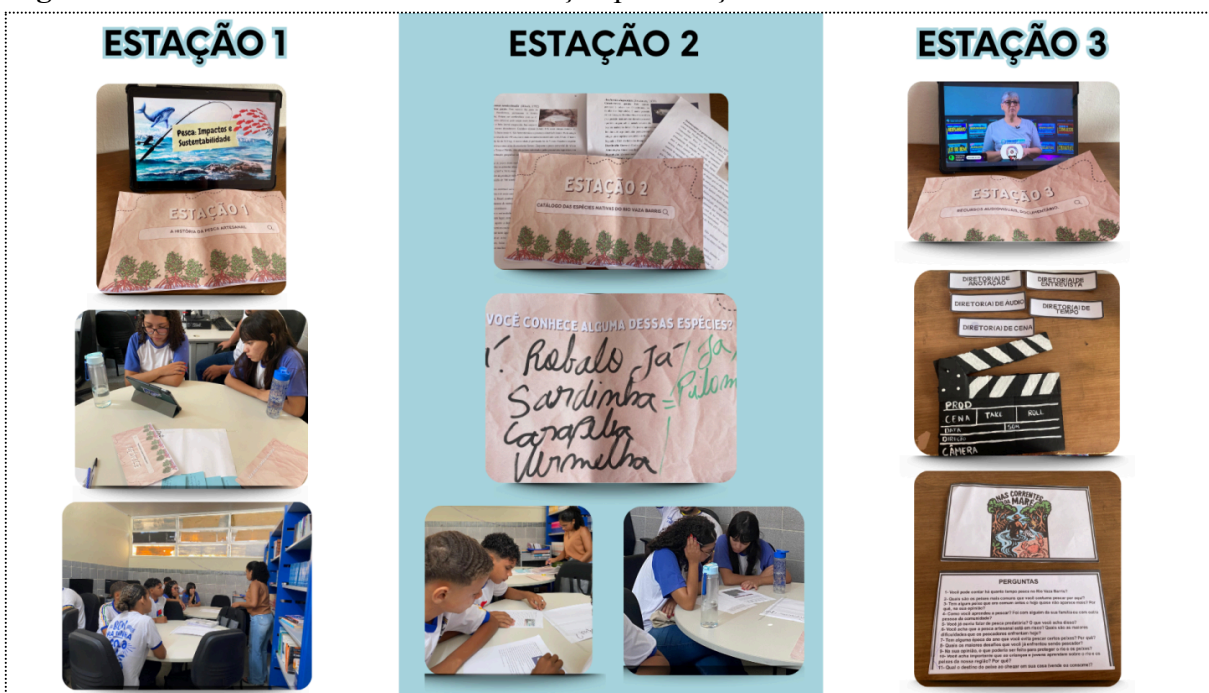
---

<sup>2</sup> SCIENTIFICART UFRJ. *Pesca: impactos e sustentabilidade*. YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fkL6znNOanw>

<sup>3</sup> MANGUE JORNALISMO. *Prefeitura de Aracaju aterra mangue e ameaça o rio Vaza-Barris*. Disponível em: <https://manguejornalismo.org/prefeitura-de-aracaju-aterra-mangue-e-ameaca-o-rio-vaza-barris-marisqueiras-pescadores-e-todo-o-ecossistema-do-manguezal-sao-os-principais-afetados/>.

- Na terceira estação, foi exibido o vídeo “O que é um documentário?”.<sup>4</sup> Com o intuito de introduzir os aspectos técnicos e estruturais da linguagem audiovisual. Ademais, exibimos para os alunos, o roteiro ou seja a entrevista semiestruturada (apêndices 2) para a construção do documentário, bem como, toda a identidade visual do documentário. Vale salientar que, estava passível a sugestão de mudanças, caso julgado a necessidade pelos alunos.

**Figura 3.** Fotos ilustrativas referente a rotação por estações



**Fonte:** Autora (2025).

Cabe destacar que a rotina de pensamento “*Antes eu pensava que..., agora penso que...*” desenvolvida pelo Projeto Zero da Harvard Graduate School of Education (2022) foi retomada ao final da rotação por estações, com a finalidade de estimular a metacognição e a reflexão crítica acerca das mudanças nas concepções dos alunos ao longo da experiência.

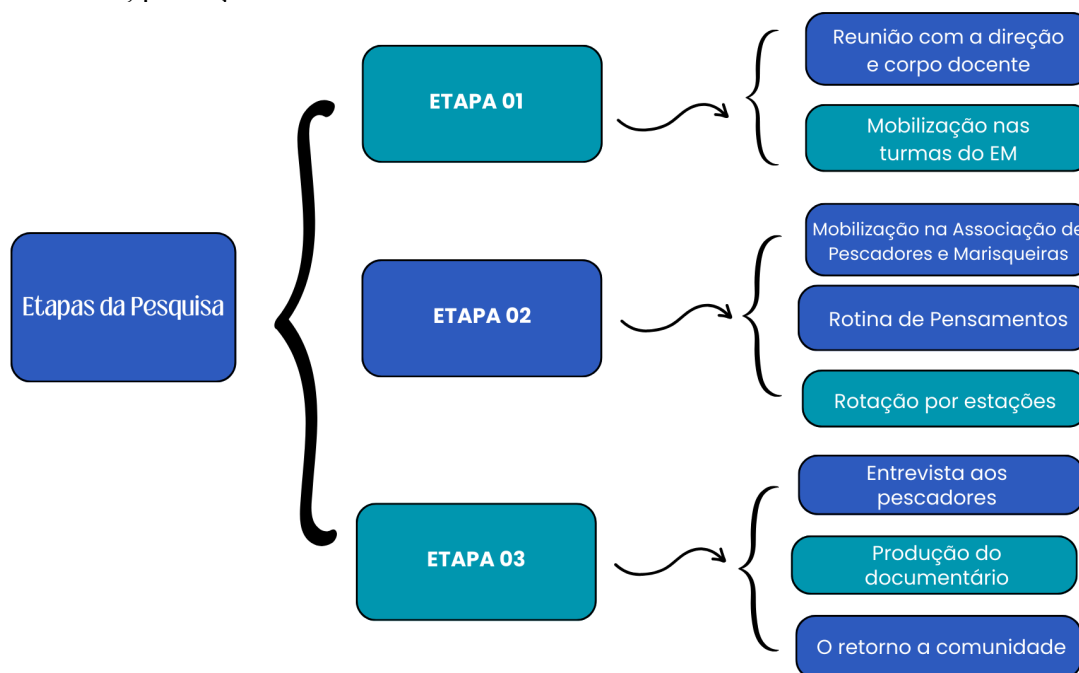
Na primeira parte da terceira etapa da pesquisa, os alunos foram conduzidos a Foz do Rio Vaza-Barris, para realizar uma entrevista semiestruturada (apêndice 2) aos pescadores artesanais vinculados à Associação de Pescadores do Mosqueiro, onde apenas 3 pescadores participaram das filmagens e apenas 2 responderam a entrevista semiestruturada, com isso os discentes iniciaram a produção do documentário, com o objetivo de registrar, valorizar e

<sup>4</sup> ELABORANDO PROJETOS SOCIAIS E CULTURAIS. *O que é um documentário?*. YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ntmJgHdUA58>.

associar os Conhecimentos Ecosistêmicos do pescador artesanal aos seus conhecimentos prévios e científicos, essa estratégia possibilitou a integração entre diferentes formas de conhecimento, promovendo ações EA voltadas a conservação da ictiofauna nativa, bem como, o sentimento de pertencimento dos alunos.

Destacamos que os estudantes foram acompanhados por uma monitora do curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Sergipe, que ofereceu suporte técnico na captação do material audiovisual, permitindo a eles uma vivência prática no processo de entrevistadores na produção de documentários. Ressaltamos que, os alunos não ficaram responsáveis pela edição do material, visto que, iriam entrar no período de avaliação e projeto junino. O fluxograma abaixo, apresentado como figura 4, mostra detalhadamente todas as etapas da pesquisa:

**Figura 4.** Fluxograma representando as três etapas da pesquisa: (1) reunião com direção, corpo docente e mobilização nas turmas do Ensino Médio; (2) mobilização na Associação de Pescadores e Marisqueiras, rotina de pensamentos e rotação por estações; (3) entrevistas aos pescadores, produção do documentário e retorno à comunidade.



**Fonte:** Autora (2025).

Diante da etapa 3, o retorno a comunidade( apresentado na subseção 3.1) soa como o mangue vermelho (*Rhizophora mangle*), que libera uma muda parcialmente desenvolvida, capaz de criar uma nova vegetação ao cair na lama, retornamos à comunidade, para finalizar a

parte prática da pesquisa, com a “muda de mangue” produzida pelos discentes da rede básica e pescadores artesanais da comunidade, o documentário. Para apresentar na comunidade escolar, a fim de sensibilizar a todos quanto a riqueza da ictiofauna nativa que precisa ser preservada.

Como análise dos dados usamos a triangulação de dados que segundo Duarte (2009), o termo triangulação nasce das artes militares, ecoando da navegação e da topografia, onde três pontos de referência se unem, desenhando triângulos para revelar com maior precisão o lugar exato. Mas quando essa ideia atravessa as fronteiras e chega ao campo da pesquisa, já não se trata de encontrar coordenadas no espaço: o verdadeiro desafio do pesquisador é traçar sentidos, costurar significados e dar profundidade ao mundo que se revela em seu estudo empírico.

Além disso, Flick (2013) define a triangulação como o estudo de um problema de pesquisa a partir de diferentes perspectivas privilegiadas. Isso significa considerar múltiplos pontos de vista sobre a questão investigada, de modo a produzir um conhecimento mais amplo e consistente do que seria possível se fosse analisada apenas sob uma única perspectiva.

Para tornar mais explícita a relação entre cada dimensão da triangulação e os objetivos desta pesquisa, a seção 3 apresenta, no quadro 3, uma sistematização detalhada das categorias temáticas. O quadro organiza, de forma clara, as categorias temáticas, as perguntas correspondentes e a relação de cada categoria com os objetivos específicos do trabalho, permitindo compreender como os diferentes aspectos investigados se articulam para fornecer uma análise abrangente e consistente.

Com isso, esse texto monográfico está estruturado em cinco seções: na primeira, a introdução, contendo apresentação do tema, a pergunta-problema, a justificativa, os objetivos e a metodologia. A segunda seção é dedicada a análises referente a rotação por estação aplicada aos alunos do Colégio Leonor Teles de Menezes. A terceira seção carrega a análise dos dados referente a entrevista semiestruturada aplicada aos pescadores artesanais. A quarta seção apresenta as considerações finais.

Esta seção, intitulada por “Encontros e Descobertas: análise do cenário 1, a escola. Tem como objetivo analisar os diferentes momentos da pesquisa desenvolvida no Colégio Estadual Leonor Teles de Menezes. No decorrer, são descritas as etapas de escuta ativa com a gestão e o corpo docente que compõem a Escola, a interação com os estudantes por meio da prática de rotina de pensamento e a vivência das estações do conhecimento, compondo um percurso metodológico voltado à construção coletiva do saber ambiental.

Estruturada em quatro subseções, esta parte do trabalho evidencia as vozes dos participantes, suas percepções acerca do território e os impactos socioambientais locais. Com isso, a Seção 2.1 aborda o diálogo com professores e gestores; a 2.2 e 2.4 expõem a reflexão dos alunos no momento de rotina de pensamento; e a 2.3 descreve a experiência da rotação por estações. Dessa forma, o leitor encontrará aqui um panorama que fundamenta a pesquisa, destacando como a EA contextualizada pode emergir no cotidiano escolar.

## 2. ENCONTROS E DESCOBERTAS: ANÁLISE DO CENÁRIO 1 A ESCOLA

O cenário 1 da pesquisa é o Colégio Estadual Leonor Teles de Menezes, localizado no Bairro Mosqueiro, município de Aracaju. A instituição, pertencente à rede estadual de ensino, oferece Ensino Fundamental, Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos. Situada em uma comunidade marcada pela convivência entre tradições locais e novas dinâmicas sociais, a escola se configura como espaço de encontro, aprendizagem e desenvolvimento, atendendo diferentes faixas etárias e contribuindo para a formação cidadã dos moradores da região.




### 2.1 Vozes que constroem: Escuta Ativa com a Direção Escolar e Corpo Docente

Inicialmente, houve a reunião de Escuta Ativa, apresentamos aos presentes um breve relato ambiental de imagens, coletado pela pesquisadora em trabalhos e/ou sites já publicados, com o objetivo de mostrar a importância da inserção da pesquisa vigente à escola, para a conservação da Ictiofauna Nativa. Ademais, para fomentar o despertar das problemáticas ambientais que aconteceram no território, para tanto, conforme visualizado no Qua

**Quadro 1** - Imagem A: Maquinário destruindo manguezal no Mosqueiro para construção; Imagem B: Limpeza no Rio Vaza-Barris realizada pelo Ministério de Meio Ambiente; Imagem C: Festa dentro do Rio Vaza-Barris reunindo centenas de turistas.

<p>“Prefeitura de Aracaju aterra mangue e ameaça o Rio Vaza-Barris. Marisqueiras, pescadores e todo o ecossistema do manguezal são os principais afetados”.</p>	<p><b>Fonte: Mangue Jornalismo (2024).<sup>5</sup></b></p>
---	--

<sup>5</sup> MANGUE JORNALISMO. *Prefeitura de Aracaju aterra mangue e ameaça o rio Vaza-Barris*. Disponível em: <https://manguejornalismo.org/prefeitura-de-aracaju-aterra-mangue-e-ameaca-o-rio-vaza-barris-marisqueiras-pescadores-e-todo-o-ecossistema-do-manguezal-sao-os-principais-afetados/>.

 <p style="text-align: center;"><b>Imagem A</b></p>	
<p>“Mais de uma tonelada e meia de resíduos sólidos foi retirada do Rio Vaza-Barris”.</p>  <p style="text-align: center;"><b>Imagem B</b></p>	<p><b>Fonte: G1, (2022).<sup>6</sup></b></p>
<p>“Insustentabilidade Turística no estuário do Rio Vaza-Barris/ SE: Perspectiva analita da Legislação Vigente”.</p>  <p style="text-align: center;"><b>Imagem C</b></p>	<p><b>Fonte: Repositorio UFS, (2015).<sup>7</sup></b></p>

**Fontes:** A. Manguê Journalism (2024); B. G1, Globo (2022); C. Conceição (2015).

Como visto, a imagem A retrata a degradação de parte do manguezal do Mosqueiro, a imagem B representa uma ação para retirada de resíduos sólidos descartados no Rio Vaza-Barris e na imagem C apresenta uma comemoração festiva no rio. Com isso, a reunião ocorreu com dois professores(as) de biologia, o(a) secretário(a) escolar, o(a) coordenador(a) escolar e o(a) diretor(a) escolar. Durante o andamento, o(a)

<sup>6</sup> G1 SERGIPE. *Mutirão de limpeza de rios é realizado na Orla Pôr do Sol em Aracaju*. Disponível em: <https://g1.globo.com/se/sergipe/noticia/2022/04/09/mutirao-de-limpeza-de-rios-e-realizado-na-orla-por-do-sol-e-m-aracaju.ghtml>.

<sup>7</sup> CONCEIÇÃO, Sabriny Sueley Oliveira. *Insustentabilidade Turística no estuário do Rio Vaza - Barris/SE*. Universidade Federal de Sergipe, 2025. Disponível em: [https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/4226/1/SABRINY\\_SUELEY\\_OLIVEIRA\\_CONCEICAO.pdf](https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/4226/1/SABRINY_SUELEY_OLIVEIRA_CONCEICAO.pdf).

participante A fez o seguinte posicionamento: “Olhando por este lado e refletindo, moramos em um local muito rico em biodiversidade, mas na escola não temos nenhum projeto de EA, apesar de termos a integradora voltada a EA. Em uma pesquisa, Leonel, Castro e Rosário (2024) revelou que 68% das escolas realizam ações de EA apenas em eventos pontuais, sem planejamento integrado às disciplinas regulares. Tal abordagem fragmentada dificulta a construção de um conhecimento articulado e impede que os estudantes compreendam as causas estruturais dos problemas ambientais, limitando-se às práticas superficiais de coleta seletiva ou hortas escolares descontextualizadas com o território local.

Ao explicar como seria a aplicabilidade da pesquisa, todos apresentaram interesse na realização, mas foi nos solicitado o menor número de registros fotográficos possível no entorno da escola. Tendo em vista que, a mesma passava por um processo de organização para traslado a outro prédio, visando a reforma do local.

O levantamento ainda contou com uma informação chave para a pesquisa, o(a) participante B, mencionou o seguinte comentário: *“Sou da região e é triste perceber tudo se acabando, a essência. Não sei se pode ajudar, na prática. Mas, os alunos, principalmente do Ensino Médio, gostam de uso de tecnologias, redes sociais e sabem manusear bem.”*

Ademais, para finalizar o(a) participante C desabafou em sua fala: *“É muito difícil, porque temos que dar conta de diversas funções e ainda pensar no meio ambiente, seria ótimo mais pessoas das Universidades para desenvolver projetos com a escola”.*

A formação de professores constitui outro desafio central para a implementação de uma EA interdisciplinar. Muitos docentes ingressam na carreira sem preparação específica em ambiental, o que os deixa inseguros para desenvolver atividades que extrapolam o conteúdo tradicional de suas disciplinas de origem (Silva, *et al*, 2025).

Nesta perspectiva, Tardif (2008, p. 41) aponta que, formação para o ensino não pode limitar-se a conhecimentos e competências, devendo também envolver valores, compromissos normativos e convicções éticas, já que o(a) professor(a) trabalha “com, sobre e para seres humanos em desenvolvimento e aprendizado. Trata-se, no sentido forte, de um trabalho de interações humanas.

De modo geral, notamos que há possibilidades de lacunas no processo de formação continuada dos docentes de biologia da instituição. Além disso, as demandas curriculares excessivas podem influenciar no processo de ensino. Mas, no que tange ao foco da pesquisa, a reunião contribuiu significativamente para a decisão do recurso audiovisual a ser utilizado, levando em consideração as habilidades dos alunos, mencionadas anteriormente pelo(a) participante B.



Discente A, em suas falas: “Pesca é meio de vida, trabalho e sustento” ; “Graças a Deus pelo rio, porque não íamos ter o que comer” . Enquanto que, de forma contraditória, o(a) aluno B, em sua fala: “ O povo do mosqueiro precisa procurar outros empregos, subir na vida”.

A atividade pesqueira vem resistindo por meio de alguns moradores na comunidade do Mosqueiro, porque para estes, essa atividade ainda representa garantia de sobrevivência, e fortalece a identidade desses moradores. Embora se perceba que esta resistência se dá entre os mais velhos da Comunidade, enquanto os mais jovens buscam outras atividades como forma de garantia de sobrevivência (Leite, 2007).

Mas, de forma cautelosa na discussão, o(a) aluno(a) C, menciona: “A nossa realidade é diferente da sua, precisamos preservar o rio, para sobreviver”. E, o(a) aluno(a) A volta a refletir, em suas palavras: “Meu avô é pescador, amo pescar e tomar banho de rio”. Notamos que, o sentimento de pertencimento a comunidade pesqueira, no que toca a subsistência do(a) aluno(a) C, é evidente, a construção da sua vida pautada no rio e na pescaria é clara e detalhada em sua fala. Bem como, o(a) aluno(a) D, que questiona o período do defeso como vemos a seguir:

Quanto ao período de defeso, o(a) D mencionou que: “o período de defeso é importante, mas, se não pescar comemos o que ?” O defeso corresponde ao intervalo de tempo em que a atividade pesqueira é proibida, visando resguardar a fase reprodutiva das espécies de peixes originárias da região. Tangenciamos que, a realização da pesca na época da reprodução dos peixes é capaz de afetar a sobrevivência dos recursos pesqueiros em muitas regiões (Seixas *et al.*, 2014).

Esse intervalo é determinado pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), conforme o período em que os seres aquáticos, em especial peixes e crustáceos, realizam sua reprodução no meio natural (Brasil, 1990; Brasil, 2003). Durante esse intervalo de suspensão da pesca, definido por legislação, os pescadores recebem do governo federal um benefício financeiro semelhante ao seguro-desemprego (Brasil, 2003).

O chamado seguro-defeso é concedido aos pescadores devidamente registrados, com o objetivo de que interrompam suas atividades pesqueiras ao longo do período de reprodução das espécies de peixes (Franco *et al.*, 2009). O objetivo da ação é a conservação ambiental das espécies nativas, para garantir a biodiversidade por meio de uma consciência ambiental amparada no recurso financeiro recebido. Contudo, em virtude das dificuldades relacionadas à

documentação exigida para o acesso ao benefício, muitos pescadores acabam desistindo de reivindicar esse direito e retornam precocemente à atividade pesqueira.

Essa situação pode ser intensificada por ações específicas e provisórias da administração federal, como a interrupção do período de “defeso”, ocorrida a partir de outubro de 2015, conforme estabelecido na Portaria Interministerial nº 192, que igualmente interrompeu o repasse do benefício do seguro-defeso (Brasil, 2015). Esses aspectos evidenciam a importância de iniciativas educativas voltadas às comunidades pesqueiras, com ênfase na preservação das espécies e na criação de fontes alternativas de renda durante o ciclo reprodutivo dos peixes de maior valor comercial (Freitas *et al.*, 2016).

Nesse cenário, a EA em comunidades de pesca, direcionada aos núcleos familiares (pais e filhos) dos pescadores, pode favorecer uma maior sensibilização para a preservação dos recursos pesqueiros, bem como estimular a continuidade da profissão pelos descendentes dos pescadores atuais (Gonzalez *et al* 2007; Cazella, 2011).

Outrossim, o(a) aluno(a) B contribuiu com: “*comprando pão, batendo uma laje*” O silenciamento da EA nas escolas, desembarca um ambiente escuro aos alunos e incapaz de notar a importância do meio ambiente ao entorno, inviabiliza o sentimento de pertencimento e negligencia a biodiversidade que banha o próprio território. Porém, no que diz respeito aos cenários mais relacionados ao debate da EA na BNCC, a área de Ciências da Natureza é concebida como o espaço de saberes próprio para o desenvolvimento de “ações de intervenção para melhorar a qualidade de vida individual, coletiva e socioambiental” (Brasil, 2017, p. 321).

Reconhecemos, neste trecho, a relevância de iniciativas em EA; contudo, salientamos que, para além dessa implementação, é necessário estabelecer vínculo entre com realidade local, assegurando que as ações socioambientais sejam desenvolvidas de maneira contínua e integrada entre diferentes áreas do conhecimento, de modo a construir um processo educativo significativo para os contextos socioambientais (Nepomuceno *et al.*, 2021).

No que se refere às ações de EA na própria escola, o(a) aluno(a) mencionou: “*a matéria de EA só é texto, perguntas e respostas, em nenhuma atividade falou sobre o Mosqueiro*”.

Sob a mesma perspectiva a (o) aluna (o) F contribuiu falando: “*nós estamos falando sobre biodiversidade e desmatamento, mas o projeto tamar já esteve aqui e já fizemos limpeza de praias, mas não aqui no mosqueiro.*” E, para finalizar a (o) aluna (o), B em sua fala final mencionou que “*o rio é sujo e nunca tomou banho*”.

As ações de EA nas escolas do Mosqueiro são pontuais e descontinuadas voltadas para a reciclagem de lixo, e preservação dos recursos naturais de forma isolada. Pouco se discute sobre a relação de dependência da comunidade com o seu ambiente natural, e sobre a valorização da cultura local. Trata-se de gerar novas reciprocidades entre a escola, a comunidade e a realidade socioambiental que as envolve (Leite, 2007).

Em virtude disso, a falta de contextualização das práticas de EA no território em que a escola está inserida. Dificulta a implementação da EA verdadeiramente transformadora que deve partir das realidades locais, considerando a cultura, a economia e os saberes tradicionais da comunidade escolar (Silva *et al*, 2025). Ademais, autores como Sauv  (1996) defendem o que denominam de EA “situada”, em que os problemas socioambientais são investigados a partir do espaço vivido pelos estudantes, promovendo um engajamento mais significativo.

### 2.3 Travessia por Estações do Conhecimento

Durante a rota o por esta es, a prática foi acompanhada pelo professor de biologia do Ensino Médio, o mesmo não interferiu em nenhum momento. Isso posto, no decorrer da primeira esta o após apresenta o do vídeo Pesca, Impactos e Sustentabilidade, os alunos analisaram a pergunta no cartaz ao lado: *“Esse vídeo te lembra alguma coisa?”*

Grupo 01: *“Lembra as nossas descendências, meus avós e como vivemos”*.

Grupo 02: *“A pesca pode destruir as espécies e principalmente se pescar demais no período de reprodu o, mas as pessoas não querem saber”*.

Grupo 03: *“Muitas pessoas ainda vivem da pesca, porque já nasceram aprendendo a pescar e isso   sua profissão”*.

Diversos elementos ameaçam os recursos naturais da região, especialmente as espécies de peixes do Rio Vaza-Barris e os manguezais considerados abundantes no Mosqueiro, porém enfraquecidos devido ao desmatamento, aterramento, descarte inadequado de resíduos, pesca excessiva, resíduos provenientes do parcelamento do solo para o cultivo de espécies exóticas em áreas adjacentes e, principalmente, pelo crescimento do número de famílias que dependem cada vez mais desse ecossistema (Leite, 2007).

Na etapa seguinte, caracterizando a segunda esta o, expusemos o Catálogo das Espécies Nativas do Rio Vaza-Barris, e ao lado, um cartaz com a pergunta: *“Você conhece alguma dessas espécies?”*

Grupo 01: *“Sim, robalo, sardinha, carapeba e vermelha”*.

Grupo 02: *“Conhecemos, x reu, tainha, sardinha, baiacu”*.

Grupo 03: “*Niquim aquele peixe que tem ferrão, robalo, sardinha, tainha*”.

O estuário do Rio Vaza-Barris, assim como os demais, acaba servindo de abrigo para uma infinidade de espécies de peixes que procuram suas águas para reprodução, crescimento e também alimentação, sejam como migrantes anádromos ou catádromos (peixes visitantes), bem como de espécies caracteristicamente residentes (Kennish, 1986).

Além disso, os estuários comportam elevada diversidade de peixes, pois funcionam como áreas estratégicas de abrigo para diversas espécies. Esse papel é especialmente relevante nas fases iniciais de vida, quando os indivíduos jovens encontram nessas regiões condições favoráveis, como alta disponibilidade de nutrientes. As áreas rasas, com vegetação típica das planícies de maré e dos manguezais, oferecem proteção efetiva contra predadores e favorecem o desenvolvimento da ictiofauna.

Outrossim, as espécies mais comuns pontuadas pelos educandos constam no Quadro 2 abaixo:

**Quadro 2** - Principais espécies de incidência no Rio Vaza-Barris pontuada pelos educandos. Status de conservação (Fishbase): Menos preocupante (LC), Não consta (NC), Vulnerável (VU), Dados insuficientes.

<b>Nome popular</b>	<b>Nome científico</b>	<b>Status de Conservação (IUCN)</b>
<b>Robalo</b>	<i>Centropomus undecimalis</i> (Bloch, 1792)	LC
<b>Sardinha</b>	<i>Achovia clupeioides</i> (Swainson, 1839)	LC
<b>Sardinha</b>	<i>Opisthonema oglinum</i> (Lesueur, 1818)	LC
<b>Sardinha</b>	<i>Platanichthys platana</i> (Regan, 1917)	LC
<b>Carapeba</b>	<i>Diapterus rhombeus</i> (Cuvier, 1829)	LC
<b>Pescada amarela</b>	<i>Cynoscion acoupa</i> (Lacepède, 1801)	VU
<b>Xaréu</b>	<i>Caranx hippos</i> (Linnaeus, 1766)	LC

<b>Xaréu</b>	<i>Caranx latus</i> Agassiz, 1831	LC
<b>Xaréu</b>	<i>Caranx crysos</i> (Mitchill, 1815)	LC
<b>Xaréu</b>	<i>Caranx bartholomaei</i> Cuvier, 1833	
<b>Tainha</b>	<i>Mugil curema</i> (Valenciennes, 1836)	LC
<b>Tainha</b>	<i>Mugil gaimardianus</i> Harrison, Nirchio, Oliveira, Ron & Gáviria, 2007	LC
<b>Tainha</b>	<i>Mugil platanus</i> Valenciennes, 1836	DD
<b>Tainha</b>	<i>Mugil curvidens</i> Valenciennes, 1836	NC
<b>Baiacu</b>	<i>Lagocephalus laevigatus</i> (Linnaeus, 1766)	LC
<b>Baiacu</b>	<i>Sphoeroides testudineus</i> (Linnaeus, 1758)	LC
<b>Baiacu</b>	<i>Sphoeroides greeleyi</i> Gilbert, 1900	LC
<b>Baiacu</b>	<i>Sphoeroides spengleri</i> (Bloch, 1785)	LC
<b>Baiacu</b>	<i>Colomesus psittacus</i> (Bloch & Schneider, 1801)	LC
<b>Niquim</b>	<i>Thalassophryne nattereri</i> (Cuvier, 1829)	LC

**Fontes:** Fishbase e IUCN (2025). Organização: autora, 2025.

A escola, como potencializadora do protagonismo estudantil ao propiciar a contextualização do saber entre alunos e comunidade, demonstra integridade aos saberes ecossistêmicos que circulam na comunidade que os alunos estão inseridos, transformando o espaço e mediando a valorização desses conhecimentos passados de geração em geração (Weiler, 2015).

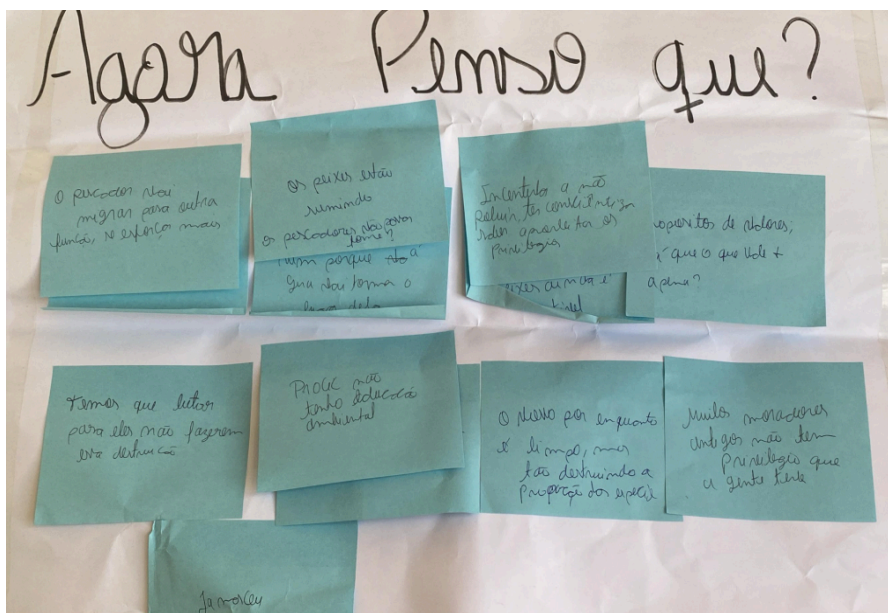
Na terceira etapa, foi exibido o vídeo “O que é um documentário?” , que foi

apresentado aos alunos o roteiro da entrevista semiestruturada, com a possibilidade de realização de ajustes ou adaptações conforme o interesse do grupo. No entanto, os alunos optaram por manter o roteiro original, sem propor modificações.

#### 2.4 Novos Horizontes: agora, penso que?

Para finalizar a segunda etapa da pesquisa, aplicamos novamente a rotina de pensamento, agora com o objetivo de identificar se a rotação por estação possibilitou o despertar dos conhecimentos prévios que são passados de geração a geração. Assim sendo, a pesquisadora provocava reflexões nos estudantes sobre os temas previamente abordados, e eles organizavam as informações no cartaz (Figura 6):

**Figura 6.** Sintetização dos conhecimentos prévios dos alunos



**Fonte:** Autora (2025).

Com base na premissa dos temas abordados na rotação e acima citado, os alunos entraram novamente em discussão no que tange às opiniões contrárias, o(a) aluno(a) A em sua fala sobre a importância dos peixes, menciona: “Temos que lutar, para que não haja mais desmatamento dos manguezais, poluição do nosso rio, porque vai afetar os nossos peixes”. Enquanto que o(a) aluno(a) B, afirmou que: “O pescador vai migrar para outra função, se esforçar mais”.

Notamos que, o território ocupado no Mosqueiro apresenta dois tipos de comunidades: a ‘de vida’, formada por moradores locais que compartilham saberes sobre pesca, marés, festas e tradições; e a ‘de destino’, composta por novos residentes atraídos pela tranquilidade, isolamento, trabalho e natureza preservada. Apesar de dividirem o mesmo espaço, não há um

sentimento unificado de pertencimento, o que se reflete nas formas de uso do território (Leite, 2007).

Todavia, o(a) aluno(a) A, insistia: “Muitos moradores antigos não tiveram o privilégio que temos hoje”. No entanto, o(a) aluno(a) B, “É tudo questão de propósito de valores, se vale mais a pena desmatar o mangue e o rio para construir, isso também gera emprego”.

Ressaltamos que, o aluno(a) não está sendo negligente ou mal-intencionado apenas reproduzindo uma narrativa ideológica que privilegia o interesse econômico e legitima a exploração ambiental como algo aceitável. De acordo com Layrargues (2020), absorve obediente e passivamente o repertório de valores, conhecimentos e habilidades que o condicionam a pensar e a agir na direção da sustentabilidade apontada exclusivamente pela perspectiva do ambientalismo de mercado, reproduzindo acriticamente sentidos ideológicos que em nome da ‘conscientização ambiental’, se prestam a realizar o interesse do capital.

Em contrapartida, o(a) aluno(a) C, destaca: “os peixes estão sumindo, os pescadores vão passar fome?” Ao passo que, o(a) aluno(a) E, destaca em sua fala: “O nosso rio, por enquanto, ainda é limpo. Mas, tão destruindo aos poucos e vai afetar os pescadores e a economia”. E, o(a) aluno(a) F, afirmou que: “ a conta de toda destruição vai vim e que bom que os peixes ainda podem ser comestíveis”.

Notamos que os alunos estão cientes da destruição ambiental, mas é imperativo que transcendam a condição de observadores pacíficos e se tornem cidadãos engajados, capazes de atuar na defesa do meio ambiente e da própria comunidade. Carvalho (2004) nos lembra que os tempos atuais exigem romper com a passividade do modelo conservador de Educação Ambiental, historicamente alinhado aos interesses do capital. Não se pode permanecer indiferente diante do profundo retrocesso ambiental, nem acreditar ingenuamente que práticas individuais isoladas sejam suficientes para a transformação. O que se demanda é uma militância ecológica concreta, que se manifesta nas ruas, nas lutas coletivas e no engajamento social, e não apenas nos hábitos privados ou nos comportamentos de consumo.

Nessa perspectiva, a implementação da EA crítica deve orientar-se para a formação de sujeitos ecopolíticos — aqueles que, ao descolonizarem seus imaginários cooptados, transcendem o reducionismo do individualismo meritocrático e assumem o compromisso coletivo da militância ecológica. Trata-se de formar cidadãos que exerçam sua cidadania política de modo engajado, atuando como ativistas da causa ambiental e contribuindo, de forma subversiva e emancipatória, para a reconstrução da civilidade no convívio humano com e no planeta Terra (Layrargues, 2020).

A presente seção designada por “Vozes do Rio: entrevistas com os pescadores no cenário 2, as margens do Vaza-Barris” tem como objetivo mostrar a potencialidade dos saberes ecossistêmicos dos pescadores artesanais que habitam o entorno da foz do Rio Vaza-Barris, no contexto educativo. Por meio de entrevistas semiestruturadas, foram registradas narrativas que expressam o vínculo profundo entre os pescadores e o rio, bem como, apontam os desafios enfrentados na pesca artesanal. Além de trazer um retrato da realidade socioambiental do território. As falas dos pescadores, agrupadas em categorias temáticas, direcionam a entrevista semiestruturada aos pontos específicos dos objetivos deste trabalho.

### **3. VOZES DO RIO: ENTREVISTAS COM OS PESCADORES NO CENÁRIO 2, ÀS MARGENS DO VAZA-BARRIS**

No tocante à representação do Cenário 2, a bacia hidrográfica do Rio Vaza-Barris, que se origina na região nordeste da Bahia. Sendo que, no estado de Sergipe, a bacia litorânea do Rio Vaza-Barris possui uma extensão de 115 km<sup>2</sup>, situa-se na periferia oriental atlântica e engloba os municípios de Aracaju, Itaporanga d’Ajuda e São Cristóvão (Fontes *et al.*, 2010).

Por apresentarem uma diversidade de ambientes rasos e protegidos, estuários tornam-se locais favoráveis para os peixes como berçário durante as fases iniciais de desenvolvimento, oferecendo assim além do alimento, proteção contra predadores junto a áreas rasas como planícies de maré, bem como vegetação de marisma e manguezal. Sistemas estuarinos com tais características e dinâmicas abrigam um grande número de espécies de peixes por representar uma importante área de refúgio, principalmente nas fases juvenis, que encontram no estuário um ambiente rico em nutrientes e nas zonas rasas e vegetadas das planícies de maré e manguezais, importantes locais para proteção contra predadores (Divino, 2015).

As categorias mencionadas na metodologia e escritas nesta seção tem como objetivo interligar a entrevista semiestruturada realizada com os pescadores artesanais, aos objetivos específicos da pesquisa 2 e o 3, sendo respectivamente; articular o conhecimento ecossistêmicos local dos pescadores artesanais com informações científicas disponíveis sobre o Rio Vaza-Barris, valorizando-os e subsidiando ações educativas voltadas à conservação da ictiofauna; Sensibilizar a comunidade escolar sobre a importância da ictiofauna do Rio Vaza-Barris através da etnoictiologia. Como forma para dar coerência, foco e profundidade à análise.

### 3.1 Narrativas dos Pescadores Artesanais Locais

Para dirigir de forma sistemática a implementação da primeira etapa da terceira fase da pesquisa, conduzimos três alunos que aceitaram continuar participando da pesquisa a foz do Rio Vaza-Barris, os mesmos foram acompanhados pelo professor de Biologia da escola, por três pescadores artesanais da Associação de Pescadores e Marisqueiras do Mosqueiro, pela monitora Acacia Santos da Silva do Curso de Biologia, além da pesquisadora. Os educandos foram direcionados à navegação onde foi produzido o documentário que dá nome a este trabalho: *Nas correntes da maré*. Com isso, a entrevista fora feita com dois pescadores, tendo em vista que, o terceiro não aceitou falar, por limitações de uma personalidade tímida, porém, apresentou-se solícito demonstrando aos alunos como lançar uma rede.

A entrevista semi-estruturada foi desenvolvida em dois formatos distintos para subsidiar a produção do documentário. No primeiro, adotou-se a seguinte dinâmica: cada estudante assumiu a função de diretor de entrevista, elaborando e dirigindo três ou quatro perguntas ao pescador A, realizadas ainda a bordo da embarcação. Outrossim, no segundo formato, a estratégia definida consistiu na realização de uma conversa em tom mais descontraído, tendo como foco exclusivo o pescador B. Antes do início da filmagem, os alunos apresentaram previamente as perguntas ao entrevistado, de modo a proporcionar maior clareza e segurança quanto ao roteiro da entrevista. Nessa etapa, os estudantes assumiram a função de “diretores de filmagem”, concentrando-se no registro audiovisual do entrevistado, sem a preocupação direta com a condução das perguntas durante a gravação.

Convém enfatizar que, o roteiro de perguntas havia sido previamente apresentado aos alunos durante a segunda etapa da pesquisa na rotação por estações, permanecendo aberto a modificações e ajustes conforme julgassem pertinentes. No entanto, os estudantes optaram por mantê-lo integralmente, demonstrando adesão ao planejamento inicial.

A condução da produção do documentário em dois formatos distintos, contribuiu para a direção mais fluida do processo, uma vez que, dessa forma, buscou-se reduzir a tensão por parte dos entrevistados. Apesar de todos os participantes serem nascidos e criados no território e conhecerem-se visualmente, o contexto de realização da entrevista ao colocá-los em uma perspectiva pouco usual em seu cotidiano gerou certo desconforto inicial, o qual foi minimizado pela estratégia de compartilhamento da direção da entrevista (figura 7).

**Figura 7.** Entrevista semiestruturada para produção do documentário, na Foz do Rio Vaza-Barris, condução no formato 1 mostrando o pescador e o(a) aluno(a), formato 2, aparecendo apenas o pescador.



**Fonte:** Autora (2025).

No que concerne aos resultados obtidos a partir das entrevistas, as quais sistematizam os saberes dos pescadores artesanais, observam-se narrativas que extrapolam a mera coleta de dados empíricos, abrangendo memórias, experiências e práticas socioculturais historicamente construídas e intrinsecamente relacionadas ao ambiente marinho. Considerando-se que tais saberes ecossistêmicos estabelecem interface com a implementação de uma EA de caráter contextualizado, orientada à conservação da ictiofauna nativa, apresenta-se, no Quadro 3, uma amostra representativa desse conjunto de conhecimentos.

**Quadro 3** - (A) Categoria temática consiste no agrupamento de dados ou respostas que compartilham um mesmo conteúdo; (B) Perguntas relacionadas; (C) Articulação da categoria com os objetivos da pesquisa.

Categoria Temática (A)	Perguntas relacionadas (B)	Articulação da categoria com os objetivos da pesquisa (C)
------------------------	----------------------------	---

Saberes Ecosistêmicos	<p>1-Você pode contar há quanto tempo pesca no Rio Vaza-Barris?</p> <p>3-Como você aprendeu a pescar? Foi com alguém da sua família ou com outra pessoa da comunidade?</p>	Objetivo específico 2: Articular o conhecimento ecosistêmico local dos pescadores artesanais com informações científicas disponíveis sobre o rio Vaza-Barris, valorizando os saberes tradicionais e subsidiando ações educativas voltadas à conservação da ictiofauna;
Percepção sobre a Ictiofauna Nativa	<p>2-Quais são os peixes mais comuns que você costuma pescar por aqui?</p> <p>3-Tem algum peixe que era comum antes e hoje quase não aparece mais? Por quê, na sua opinião?</p>	Objetivo específico 2: Articular o conhecimento ecosistêmico local dos pescadores artesanais com informações científicas disponíveis sobre o rio Vaza-Barris, valorizando os saberes tradicionais e subsidiando ações educativas voltadas à conservação da ictiofauna;
Práticas de Conservação	<p>5- Você já ouviu falar de pesca predatória? O que você acha disso?</p> <p>7-Tem alguma época do ano que você evita pescar certos peixes? Por quê?</p>	Objetivo específico 2: Articular o conhecimento ecosistêmico local dos pescadores artesanais com informações científicas disponíveis sobre o rio Vaza-Barris, valorizando os saberes tradicionais e subsidiando ações educativas voltadas à conservação da ictiofauna;
Desafios e riscos da pesca artesanal	<p>6- Você acha que a pesca artesanal está em risco? Quais são as maiores dificuldades que os pescadores enfrentam hoje?</p> <p>9-Na sua opinião, o que poderia ser feito para proteger o rio e os peixes?</p>	Objetivo específico 3: Sensibilizar a comunidade escolar sobre a importância da ictiofauna do Rio Vaza-Barris, através da etnoictiologia;

Implementação de EA	10-Você acha importante que as crianças e jovens aprendam sobre o rio e os peixes da nossa região? Por quê?	Objetivo específico 3: Sensibilizar a comunidade escolar sobre a importância da ictiofauna do Rio Vaza-Barris, através da etnoictiologia;
Aspectos socioeconômicos da Pesca Artesanal	11- Qual o destino do peixe ao chegar em suas casas?	Objetivo específico 2: Articular o conhecimento ecossistêmico local dos pescadores artesanais com informações científicas disponíveis sobre o rio Vaza-Barris, valorizando os saberes tradicionais e subsidiando ações educativas voltadas à conservação da ictiofauna;  Objetivo específico 3: Sensibilizar a comunidade escolar sobre a importância da ictiofauna do Rio Vaza-Barris, através da etnoictiologia.

**Fonte:** Autora (2025).

As vozes dos pescadores artesanais do Rio Vaza-Barris soam como ondas que trazem, em cada relato, fragmentos de memórias, tradições e aprendizados moldados pelo tempo e pelas águas. São histórias que não apenas contam sobre a pesca, mas também sobre a vida em diálogo com o rio, onde o saber ecossistêmico se entrelaça à experiência cotidiana e à herança cultural transmitida entre gerações.

O que emerge dessas entrevistas não são apenas dados, mas narrativas vivas que guardam sentidos, identidades e afetos. Ao organizar as falas em categorias temáticas (quadro 3), buscamos não classificá-las friamente, mas compreender a riqueza de significados que elas carregam. Cada categoria se revela, assim, como parte de um mosaico de conhecimentos, onde tradição e ciência podem caminhar juntas na construção de uma EA crítica e enraizada na realidade da comunidade pesqueira e que a pesquisa integra na comunidade Escolar do território.

Dessa forma, a discussão que segue não pretende traduzir ou esvaziar as palavras dos

pescadores, mas sim ecoá-las como sementes que, ao encontrar o solo fértil da reflexão, podem germinar em práticas de conservação, educação e esperança para a ictiofauna nativa e para os modos de vida que dela dependem.

Em virtude disso, no que tange a categoria experiência do pescador e saber ecossistêmico, ancorados nas perguntas, sobre há quanto tempo pesca no Rio Vaza-Barris e se os ensinamentos da prática da pesca veio com alguém família ou com outra pessoa da comunidade. Os pescadores pontuaram na entrevista feita pela própria autora:

Pesco há 43/ 44 anos. Da família, com meu pai dentro do rio, ai no mar já foram os colegas, com 13 anos já pescava no mar e com 15 já era mestre de navegação. Minha vida é essa, meus colegas falam que não sou pescador, sou viciado em pescaria. Seu amigo não para de pescar (Pescador A).

Pesco no rio Vaza-Barris, há 40 anos. Aprendi com meu pai e depois o meu irmão me levou para o mar (Pescador B).

A trajetória do Mosqueiro é marcada pelos saberes transmitidos de geração em geração. Esse percurso de conhecimentos constitui uma identidade singular, sustentada pela cultura da pesca, que procura manter-se viva apesar das transformações contemporâneas evidenciarem as vulnerabilidades desta prática no território (Leite & Santos, 2012).

Navegando pela categoria temática da percepção sobre a ictiofauna nativa e risco de extinção que carrega as indagações sobre quais são os peixes mais comuns que você costuma pescar na foz do Rio Vaza-Barris, bem como, se existe alguma espécie que pescavam antes e atualmente não aparecem mais e o porque, em suas opiniões. Os pescadores disseram na entrevista feita pela própria autora:

Sardinha e Tainha. Todos ainda tem, alguns, em pouca quantidade (Pescador A).

Sim, os mais comuns são tainha, robalo, carapeba, bagre. Porém, a pescada selvagem, carapeba, ficou mais difícil porque hoje em dia tem muito pescador que lançam redes e vai ficando mais difícil de pegar essas qualidades de peixes mais caras (Pescador B).

As falas dos pescadores A e B refletem diretamente o conhecimento empírico que possuem sobre as espécies do Rio Vaza-Barris. O pescador A cita a sardinha e a tainha, observando que ainda estão presentes no rio, embora em quantidades menores, o que indica uma percepção sobre a disponibilidade e possível redução de certas espécies. Já o Pescador B complementa, destacando espécies mais valorizadas economicamente, como a pescada selvagem e a carapeba, e aponta a dificuldade de captura, explicando que o aumento da pesca por redes contribui para a diminuição dessas espécies.

Esse diálogo entre os pescadores se conecta com o processo de folheamento do

Catálogo de Espécies Nativas do Rio Vaza-Barris (Divino 2025) realizado pelos alunos, durante a rotação por estações, pois ambos mencionam espécies que foram reconhecidas pelos estudantes. Assim, as falas evidenciam o conhecimento tradicional sobre a ictiofauna local e fornecem uma perspectiva prática sobre a abundância, escassez e desafios da pesca na região.

Além disso, aproximando-se da pergunta problema que gerou esta pesquisa, notamos que há entrelaçamento das falas demonstra como o saber local dos pescadores complementa o estudo científico, enriquecendo a compreensão dos alunos sobre a biodiversidade e os impactos no ecossistema.

No horizonte da categoria temática acerca das práticas de conservação e manejo, no tocante aos pontos da pesca predatória e defeso, os entrevistados pontuaram:

Não, não. Aqui não existe defeso de peixe nenhum, então a gente para por causa do mar e do tempo (Pescador A).

A pesca predatória que acho mais é de arrasto de camarão, porque antigamente a gente saia pra pescar a vela, hoje tem esses motores de rabeta, mas antes era a vela e o barquinho ia passando ao lado do barco de arrasto e nós víamos muitos peixinhos boiados que eles jogavam, hoje em dia até que diminuiu mais, você vê menos porque também não tem tanto camarão como se via antes e nem peixinho mais, mas antes matava muito. Evitamos pegar mero, se pegar por acidente a gente solta (Pescador B).

À deriva nas águas da categoria temática no referente aos desafios e riscos da pesca artesanal, os mesmos refletiram em torno da conservação do rio e peixes e dificuldades enfrentadas.

“A pesca artesanal está em risco porque hoje ninguém quer mais pescar, existem muitos poucos pescadores, parei esse barco porque não tem pescador. É simples, se acaso tivesse um defeso, porque o defeso que tem é no mar de camarão não é de peixe, aqui no rio não tem defeso, se pesca todo dia, todo dia, ninguém bota, só tira tira. E, muito lixo, muito lixo, aqui no mosqueiro por exemplo ninguém pode mais pescar, dentro desse rio aqui neste trecho mais estreito ninguém pesca mais, porque veja onde as lanchas são ancoradas, ninguém faz nada, a capitania não liga para isso, não existe lugar no mundo que aconteça isso aí, porque a navegação precisa ser ancorada na margem, não pode ser fora justamente por causa da pescaria não pode pescar por ali, o nosso rio é raso, ele não tem tanta profundidade, no máximo ele dá 10 m, tem lugar de 2m. Mas, é motor toda hora, não tem como se pegar peixe aqui, você não consegue mais criar uma família com o sustento do rio, é por isso que tem tão pouco pescador, eu já criei 3 filhos pescando nesse rio, mas, hoje, não criava mais não” (Pescador A).

A pesca artesanal está em risco sim, eu acho que esgoto é o maior vilão, porque jogando dentro do rio, vai prejudicar tudo aí, até os peixes sumirem (Pescador B).

O pescador A, em suas palavras, chama atenção para um ponto crucial: a falta de mecanismos que preservem a identidade comunitária junto à expansão do turismo. Segundo Leite e Santos (2012). As comunidades pesqueiras têm enfrentado processos de transformação

que afetam diretamente seu modo de vida, marcado pela reconfiguração social, econômica, política e cultural. Essas mudanças, impulsionadas por políticas desenvolvimentistas, expansão do turismo e novas formas de ocupação do território, resultam na perda de referências tradicionais e na alteração das relações sociais, historicamente construídas em diálogo com o ambiente natural e os valores culturais locais.

Nessa perspectiva, áreas como Mosqueiro estão cada vez mais raras, se tornam alvo de especulação da especulação imobiliária que através da comercialização, condomínios fechados de casa, e mansões a beira do rio, se apropriam dessa natureza como objeto que valoriza o espaço, que proporciona a volta à natureza, o lazer, o bom viver para uma classe restrita que poderá ter poder de barganha, de compra dessa natureza (Nunes, 2011).

Além disso, os pescadores relatam a escassez de monitoramento como um fator agravante a conservação da ictiofauna. Embora a Lei nº 10.779/2003 garanta o benefício do seguro defeso aos pescadores artesanais durante o período de reprodução dos peixes (Brasil, 2003), existe uma fragilidade institucional estimulando a pesca ilegal durante o defeso, situação parecida mencionada por Santos et al. (2017) e Cantanhêde *et al.* (2018) no que tange ao período oficial de defeso, considerado fora de época pelos pescadores, que afirmam ainda encontrar peixes ovados mesmo após o encerramento do prazo. Essa percepção local, também identificada por Sousa (2018), reforça a necessidade de ajustar os calendários de defeso com base no conhecimentos ecossistêmicos locais.

Percorrendo os caminhos aquáticos do recorte temático alusivo à implementação da EA e sensibilização, no que tange às crianças e jovens aprenderem sobre o rio e os peixes da Bacia Hidrográfica do Rio Vaza-Barris.

Sim, por um motivo os peixes já são poucos e se vocês não aprenderem sobre isso, vai piorar porque vocês não vão saber o que estão fazendo, por exemplo se você pega um peixe pequenininho e vai matar ele, você não tem noção, mas quando você tem já evita. Aprender é sempre aprender (Pescador A).

Sim, as crianças sim porque é para poder continuar porque senão acaba, hoje em dia é pescador indo pescar só porque não tem outro pescador (Pescador B).

Retomando a indagação que norteia esta pesquisa, reconhece-se que, embora inserida em um território costeiro, a escola não se constituiu como o principal espaço de aprendizagem das práticas de conservação e cuidado ambiental. Foram pescadores que dependiam dos recursos naturais do rio e do manguezal, os responsáveis pela transmissão intergeracional de saberes ecossistêmicos, os quais contribuiriam para a construção do sentido de preservação e da sensibilização acerca da relevância de uma EA contextualizada.

Dessa forma, destacamos construção de propostas pedagógicas contextualizadas e que, de fato, façam sentido para as comunidades locais, para produções de propostas educativas capazes de estimular seus participantes a assumirem uma postura de agentes de transformação da realidade socioambiental local, atuando de forma crítica diante das problemáticas e singularidades desse território (Camargo & Pereira, 2021).

Derivando pelos fluxos do tema concernente à visão dos aspectos socioeconômicos da pesca, respondendo ao questionamento para onde vai o peixe ao chegar em sua casa?

Dependendo da quantidade, se for uma quantia boa, tiramos o de comer e o resto vendemos (Pescador A).

Dependendo da quantidade de peixe, temos um atravessador mais conhecido por cambista, ele compra todo o peixe que queremos vender e a gente leva para casa, para família, tem muitos na família que não pesca, aí a gente leva (Pescador B).

Em uma pesquisa feita por Nunes (2011), Marisqueiras e Pescadores Mosqueirenses apontaram aspectos parecidos, “há algumas décadas era possível pescar em grandes quantidades e viver somente da pesca e do catado de mariscos, o que hoje se torna muito mais difícil, já que a quantidade de pescados da somente para alimentar as famílias e minimamente comercializar”.

A pesca artesanal na comunidade do Mosqueiro enfrenta, atualmente, significativos desafios diante da pressão de interesses capitalistas que buscam explorar as paisagens e os recursos naturais em troca de lucro, sem considerar a preservação da cultura e da identidade dos moradores locais. As construções imobiliárias, destacando-se a Orla Pôr do Sol, bem como os diversos condomínios e residências à beira do rio, ameaçam a subsistência da população, que frequentemente se vê deslocada de seus lares, onde viveram seus antepassados. As intervenções impõe uma falsa promessa de progresso e melhorias, enquanto silenciam a memória e a vida daqueles que mantêm viva a tradição pesqueira à margem do rio.

Nesse contexto, a especulação imobiliária e a intensificação do turismo têm provocado a restrição do acesso tradicional ao rio e aos locais de pesca, seja por meio da privatização informal das margens, como a construção de píeres, marinas particulares, ou da ocupação de áreas utilizadas para o atracamento de embarcações artesanais, tomadas por catamarãs e lanchas. Ademais, o aumento do fluxo turístico contribui para a degradação ambiental, por meio da poluição hídrica, do descarte inadequado de resíduos sólidos e da perturbação dos ecossistemas aquáticos, impactando diretamente a ictiofauna e reduzindo a disponibilidade de pescado.

Especificando a justificativa da pesquisa, esta se apresenta como uma bússola para a escola, ao evidenciar, por um lado, a fala do aluno B durante a etapa de rotação por estações, que revela o apoio à lógica do capital, e, por outro, a carência de ações de EA contextualizadas. Além disso, ressalta-se a importância desta investigação para despertar a escola para a compreensão dos alunos como sujeitos ecológicos, conscientes de seu papel e engajamento na preservação e valorização da comunidade.

### 3.2 O Retorno à Comunidade

O traslado da pesquisadora da comunidade para a comunidade, aponta o retorno como reencontro de gerações que dá sentido às suas indagações sobre como a cultura de diferentes comunidades, no caso desta pesquisa, a comunidade costeira do mosqueiro, podem ser implementadas no processo de aprendizagem na rede básica de ensino para conservação da ictiofauna nativa. Nesse retorno, foi possível perceber que o peixe, o rio, o mangue e os saberes locais também têm espaço na escola.

O documentário intitulado “nas correntes da maré”<sup>8</sup> foi construído por discentes do Ensino Médio do Colégio Estadual Leonor Teles de Menezes com os pescadores artesanais da Associação de Pescadores e Marisqueiras do Mosqueiro, na Foz do Rio Vaza-Barris, com o objetivo de mostrar a riqueza cultural da comunidade mosqueirense em ter os saberes ecossistêmicos dos pescadores artesanais e que esses conhecimentos podem ser inseridos no contexto escolar.

A identidade cultural do documentário foi construída pela pesquisadora sendo esta construção feita a mão e elaborada pela monitora de Ciências Biológicas através do canva, a mesma acompanhou todo o processo, por ter habilidades artísticas para a arte do desenho, como consta na figura 8, toda a identidade foi apresentada aos alunos durante a rotação por estações, na estação 3 junto ao roteiro (apêndices 2). A Identidade reflete a comunidade do Mosqueiro que nasce às margens, onde o rio e o mangue se entrelaçam em correntes de aprendizagem e vida.

**Figura 8.** Identidade visual do documentário, a camisa disponibilizada aos pescadores artesanais, os adesivos: diretor(a) de tempo, diretor(a) de entrevista, diretor(a) de áudio oferecido aos alunos e o cartão com as perguntas para entrevista semiestruturada

---

<sup>8</sup> *Nas correntes da maré.* Documentário. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1-Fift5Uul23LrfOPqS41S4tMkgu1Ua9-/view>.



**Fontes:** Arte visual (Silva, 2025); elaboração dos materiais (Autora, 2025).

Salienta-se que a entrevista semiestruturada (apêndice 2) serviu como roteiro para a produção do documentário, o qual contou com a participação da comunidade local. Foram convidados aproximadamente 20 pescadores, entretanto, apenas três aceitaram participar, em razão da timidez de alguns e do fato de outros estarem envolvidos em atividades de pesca durante o período das gravações. No que se refere aos alunos, foram convidados estudantes das 1ª, 2ª e 3ª séries do Ensino Médio, mas apenas três aceitaram participar, sem justificativas apresentadas à pesquisadora. Além disso, um professor de História da própria comunidade solicitou autorização para contribuir com o projeto, reconhecendo a importância cultural e histórica do tema abordado, o que enriqueceu ainda mais o conteúdo do documentário.

As gravações ocorreram sob dois formatos como apresentado na figura 7, no primeiro formato tanto o pescador, quanto o(a) aluno(a) entrevistador(a) aparece no vídeo, enquanto um(a) aluno(a) filmava, os(as) demais, respectivamente, organizava o tempo para cada pergunta, fazia as perguntas ao pescador. Para garantir que todos(as) participassem da modalidade de cada formato elaboramos um processo de transição, qual rotacionou as demandas três vezes. Sendo assim, no segundo formato, apenas o pescador era filmado, enquanto um (a) aluno (a) filmava, os (as) demais, respectivamente, organizava o tempo para cada pergunta, e fazia as perguntas ao pescador.

Durante o momento de filmagem, um dos pescadores bastante entusiasmado com a produção, sugeriu ser dentro do seu barco, para mostrar como jogar a rede, como guiar o

barco e também como o Rio Vaza-Barris teria mudado desde a sua infância. Salientamos que, a monitora do Curso de Ciências Biológicas que acompanhou a construção do documentário, auxiliou os alunos em toda parte técnica de filmagem. Apesar de que, os mesmos apresentavam habilidades para o êxito.

Como apontado no percurso metodológico, os educandos não fizeram a edição porque estavam próximos ao período de provas, além do mais, precisavam organizar o projeto junino da escola. Em virtude disso, a própria pesquisadora o fez. Ao retornar, o documentário foi exibido em todas as turmas do Colégio Estadual Leonor Teles de Menezes, junto aos professores que participaram da reunião de escuta ativa e a direção escolar, os mesmos agradeceram a presença e mostraram-se solícitos convidando-nos para mais práticas de EA. Quanto aos alunos que participaram mostraram-se muito felizes com o processo, o aluno A colocou em sua fala: “ A escola precisa mostrar isso, não precisamos esconder que somos filhos(a), netos(a) de pescadores e as nossas vivências tem a ver com a escola sim”. E o aluno B concordou finalizando: “Temos que incluir os pescadores, eles sabem de muitas coisas e podem nos ajudar na preservação dos peixes”.

Por conseguinte, o documentário foi apresentado aos pescadores artesanais, que acolheram a obra com respeito e emoção. O momento revelou o sentimento de pertencimento, orgulho e agradecimento aos que participaram, reconhecendo-se na tela como parte viva da narrativa construída ao longo da pesquisa.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Paulo Freire, em seu escrito, intitulado por *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa* (Freire,1996), afirma que não há docência sem discência, o que dialoga diretamente com a construção da formação de licenciados. Ressalto ainda que, para além dessa dimensão formativa, existe o alicerce cultural e territorial que antecede a própria experiência discente e que nasce no coração dos seres humanos, cada qual enraizado em seu território.

Partindo disso, a escola, como potencializadora, atua sob duas faces: de um lado, cumpre seu papel ao formar cidadãos críticos; de outro, quando falha nesse compromisso, silencia processos de construção que são fundamentais e foi justamente esse silenciamento que orientou o ponto de partida da pesquisa em questão.

Em virtude disso, os achados deste trabalho revelam-se valiosos, tendo em vista que foram observados, trilhados e construídos a partir de uma inquietação da infância da pesquisadora, ampliada ao longo de sua trajetória discente e aprofundada em um mergulho científico na EA enquanto graduanda. Esse percurso possibilitou compreender a riqueza dos conhecimentos ecossistêmicos presentes na própria comunidade, transmitidos de geração em geração. Conhecimentos estes que, ao chegarem à escola, foram postos de lado.

A luz das reflexões apresentadas, o retorno da pesquisadora a escola aponta ainda uma falta de ações de EA na escola que está localizada na comunidade pesqueira do Mosqueiro, a 1 km do Estuário do Rio Vaza-Barris, sendo assim, fomentar a inserção da EABC nesta pesquisa é um sopro de esperança ao sentimento de territorialidade, a valorização dos conhecimentos ecossistêmicos locais para inserção da EA contextualizada para conservação da ictiofauna nativa.

A seção marés de ideias, constata-se a aplicação da rotina de pensamento “Antes pensava o quê?” possibilitou não apenas o resgate dos saberes prévios dos estudantes, mas também a emergência de discursos marcados por tensões, afetos e contradições acerca da pesca artesanal, da sustentabilidade e da relação com o território do Mosqueiro.

Em meio às marés de ideias, tornou-se visível que a pesca artesanal para alguns, ainda é sinônimo de identidade e sobrevivência, enquanto para outros, é sinônimo de atraso, visto que, os pensamentos capitalistas vem consumindo a região turística. Nota-se, assim, que a EA, quando desvinculada do território, torna-se uma prática escolar fragmentada, distante das vivências dos sujeitos que ela pretende formar.

Perpassando a travessia pelas estações dos conhecimentos, as respostas e interações com os materiais revelaram vínculos afetivos com o território, percepções ambientais diversas e, sobretudo, um repertório de experiências que conecta o presente à ancestralidade pesqueira. Ao reconhecerem as espécies da ictiofauna nativa, os estudantes demonstraram não apenas conhecimento empírico, mas também um olhar cuidadoso para a biodiversidade regional, ainda que, muitas vezes, esses saberes não sejam valorizados no contexto escolar formal.

Como quem retorna de uma travessia transformadora, na etapa “Agora, penso que?” As falas coletadas expressam o confronto de duas matrizes de pensamento: de um lado, o pertencimento à comunidade tradicional pesqueira, o cuidado com os manguezais, com os peixes; de outro, uma narrativa que legitima o avanço do capital sobre o território, sob o argumento da geração de empregos e do “progresso”. Esse embate discursivo reflete o campo de disputa ideológica em que os jovens estão inseridos, reproduzindo ora saberes herdados dos antigos moradores, ora valores absorvidos do ambientalismo de mercado.

O trabalho desenvolvido demonstrou que, quando os estudantes são provocados a pensar criticamente sobre sua realidade, podem mobilizar saberes, confrontar narrativas e construir posicionamentos autônomos diante dos desafios ambientais.

A escuta sensível das vozes dos pescadores artesanais do Mosqueiro, ancorada em categorias temáticas cuidadosamente construídas, evidenciou que os saberes ecossistêmicos locais não apenas coaduna com a conservação da ictiofauna nativa, como também revelam profundas contradições entre tradição e modernidade, entre o pertencimento ao território e sua crescente mercantilização.

Ao longo dos relatos, constatamos que a pesca artesanal é muito mais do que uma atividade econômica de subsistência, trata-se de um modo de vida, um sistema de conhecimentos transmitidos de geração em geração, uma grande valiosidade para imersão da EA dentro das escolas locais. Tendo em vista que, há uma preocupação quanto ao estoque pesqueiro.

Dentre os pontos destacados, os pescadores demonstraram preocupação sobre a diminuição de espécies da ictiofauna nativa, associando essa escassez ao crescimento desordenado da ocupação urbana, ao turismo predatório, à contaminação dos corpos hídricos por esgoto e lixo, bem como à ausência de políticas públicas eficazes voltadas à proteção do território e à valorização dos modos de vida tradicionais. Seus relatos sobre práticas de manejo, respeito aos ciclos naturais e crítica à pesca predatória apontam para um saber ambiental experiencial e contextualizado, que a escola, muitas vezes, ignora ou desvaloriza.

Por fim, entre as linhas e entrelinhas, chega-se à inevitável conclusão de que o

distanciamento da escola com a realidade da comunidade do mosqueiro que deu origem às indagações da pesquisadora na infância, perpassa ainda nos dias atuais. Assim, em consonância com a pergunta problema de que forma os saberes ecológicos dos pescadores artesanais podem aproximar a escola e a comunidade para promover a conservação da ictiofauna nativa? verificou-se que a articulação entre o conhecimento científico e os saberes locais potencializa a sensibilização e o engajamento dos estudantes e da comunidade, favorecendo um processo educativo plural, contextualizado e emancipatório. Assim, ao contemplar os objetivos específicos de investigar os conhecimentos prévios dos alunos, integrar saberes tradicionais e científicos, e sensibilizar a comunidade escolar, este estudo contribui para a formulação de práticas educativas que se fundamentam no território, respeitam suas especificidades socioculturais e promovem a sustentabilidade socioambiental da região.

Em linhas gerais, o estudo abre portas para novas pesquisas que mobilizem respostas concisas do distanciamento do contexto dos alunos no processo de ensino aprendizagem e, ainda, investigações quanto a EA no processo formativo docente regular e de formação continuada.

Outrossim, mesmo diante de tantos esforços para a realização da pesquisa, a mesma, apresentou algumas limitações, iniciando na escola que estava em período organizacional para transição de local, em virtude da reforma no prédio, ocasionando limitação na quantidade de participantes na reunião de escuta ativa com a direção escolar e corpo docente.

Ademais, a maioria dos alunos não quiseram participar da pesquisa, isso demonstra uma possível falta de engajamento dos mesmos em seu processo de ensino aprendizagem. No que tange, aos pescadores, as limitações foram a falta de disponibilidade no dia por estarem pescando e/ou a timidez para responderem a entrevista semiestruturada.

## 5. REFERÊNCIAS

ANDRADE, P.J; RICCI, P; SFORZA,C.HARVARD GRADUATE SCHOOL OF EDUCATION. **Antes pensava que... Agora penso que...: uma rotina de pensamento do Projeto Zero**. Cambridge: Projeto Zero, 2022.

BARENHO, C.; COPERTINO, M. **O conhecimento ecológico tradicional como ferramenta aos processos de desenvolvimento local no estuário da Lagoa dos Patos/RS**. In: REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DO MERCOSUL, 7., 2007, Porto Alegre. Anais [...]. Porto Alegre: UFRGS, 2007. GT 10: Balanço e perspectivas da antropologia da pesca no Mercosul.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Resolução nº 2, de 22 de dezembro de 2017**. Institui e orienta a implantação da Base Nacional Comum Curricular, a ser respeitada obrigatoriamente ao longo das etapas e respectivas modalidades no âmbito da Educação básica.

BRASIL. **Lei 10.779/2003, de 25 de novembro de 2003**. Dispõe sobre a concessão do benefício de seguro desemprego, durante o período de defeso, ao pescador profissional que exerce a atividade pesqueira de forma artesanal.

BRASIL. **Lei 7.998/1990, de 11 de janeiro de 1990**. Regula o Programa do Seguro-Desemprego, o Abono Salarial, institui o Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT), e dá outras providências.

BRASIL. **Lei nº 10.779, de 25 de novembro de 2003**. Institui o seguro desemprego ao pescador artesanal. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 26 nov. 2003.

BRASIL. **Lei nº 13.803, de 10 de janeiro de 2019**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 11 jan. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br> . Acesso em: 07 jul. 2025.

BRASIL. **Portaria Interministerial Número 192 de 5 de outubro de 2015**. Suspende por até 120 dias, os períodos de defeso.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Temas Transversais**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1997.

CANTANHÊDE, L. G.; PEREIRA, L. R. D. M.; VERAS, P. F.; SILVA, W. B. T.; CARVALHO-NETA, R.N. F.; ALMEIDA, Z. D. S. D. **Environmental perception of fishermen: use and conservation of fisheries resources**. Biota Neotropica, v. 18, n. 4, p. e20170510, 2018.

CAPELLESSO, A. J.; CAZELLA, A. A. **Pesca artesanal entre crise econômica e problemas socioambientais: estudo de caso nos municípios de Garoupaba e Imbituba (SC)**. Ambiente & Sociedade, v. 14, n. 2, São Paulo, 2011.

CARVALHO NETA, R. N. F.; ALMEIDA, Z. D. S. D. **Environmental perception of fishermen: use and conservation of fisheries resources**. *Biota Neotropica*, v. 18, n. 4, p. e20170510, 2018.

CARVALHO, I. C. M. **Educação Ambiental Crítica: nomes e endereçamentos de um projeto político-pedagógico**. In: LAYRARGUES, P. P. (Org.). *Identidades da Educação Ambiental Brasileira*. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004.

CARVALHO, I.C.M. **Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico**. São Paulo: Cortez, 2004.

CONCEIÇÃO, J. L. **(In)sustentabilidade turística no estuário do Rio Vaza-Barris/SE: perspectiva analítica da legislação vigente**. 2015.

CONCEIÇÃO, S.S. O. **(IN)Sustentabilidade turística no estuário do Rio Vaza-Barris/SE: perspectiva analítica da legislação vigente**. 2015. Dissertação (Pós Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente) — Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2015.

DIVINO, Camilo Emmanuel Viana Amor. **Elaboração de um catálogo de espécies de peixes com ocorrência no estuário do rio Vaza-Barris, Sergipe**. 2015. 58 f. Monografia (Bacharelado em Engenharia de Pesca) – Departamento de Engenharia de Pesca e Aquicultura, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2015.

DUARTE, T. A possibilidade da investigação a 3: reflexões sobre triangulação (metodológica). *Cies e-working paper*. **Centro de Investigação e Estudos de Sociologia, Lisboa**, n. 60, 2009.

FISCHER, R.M.B. **Docência, cinema e televisão: questões sobre formação ética e estética**. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 40, p. 93-102, 2009.

FISHBASE. *Search*. **Stockholm: Swedish Museum of Natural History**, 2025.

FLICK, U. Introdução à metodologia de pesquisa. Porto Alegre: Penso, 2013, 256 p  
FONTES, A. L.; CORREIA, A. L. F.; ARAÚJO, H. O. M.; COSTA, J. J. **A bacia costeira do rio Vaza-Barris: condicionantes geoambientais e morfodinâmica das praias oceânicas adjacentes**. VI Seminário Latino-Americano de Geografia Física II Seminário IberoAmericano de Geografia Física Universidade de Coimbra. 2010.

FONTES, A. M. **Análise da ocorrência e distribuição espaço-temporal da ictiofauna do estuário do rio Vaza-Barris, Sergipe, Brasil**. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Engenharia de Pesca) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2015.

FRANCO, A. C. N. P.; SCHWARZ JUNIOR, R.; PIERRI, N.; SANTOS, G. C. Levantamento, sistematização e análise da legislação aplicada ao defeso da pesca de camarões para as regiões sudeste e sul do Brasil. **Boletim do Instituto da Pesca**, São Paulo, v. 35, n. 9, p. 687 –699, 2009.

FREITAS, L.C. V.; ANDRADE, P.P.; Mota, T.S.O.; CASTRO, J. S.; BATISTA, W. S.; NETA, R.N. F. C.. **Educação ambiental para o período do defeso da pesca: uma abordagem na escola e com familiares dos estudantes de uma comunidade pesqueira do Maranhão, Brasil.** Pesquisa em Foco, São Luís, v. 21, n. 1, p. 19-33, 2016. ISSN 2176-0136.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. ISBN 85-219-0243-3.

**G1. MUTIRÃO DE LIMPEZA DE RIOS É REALIZADO NA ORLA PÔR DO SOL EM ARACAJU.** Mais de uma tonelada e meia de resíduos sólidos foi retirada do Rio Vaza-Barris. G1 Sergipe, 09 de Abril.2022.

**G1. Mutirão de limpeza de rios é realizado na Orla Pôr do Sol em Aracaju.** 2022.

GONZÁLEZ, L. T. V.; TOZONI –REIS, M. F. C.; DINIZ, R. E. S. Educação Ambiental na comunidade: uma proposta de pesquisa-ação. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, v. 18, 2007.

GUERRA, AFS; WEILER, JMA. **O saber fazer de uma comunidade tradicional e a escola: possibilidades de diálogos.** 37ª Reunião Nacional da ANPEd–04 a, v. 8.

IUCN – **International Union for Conservation of Nature.** The IUCN Red List of Threatened Species. Disponível em: <https://www.iucnredlist.org/>.

LAYRARGUES, P. P. **Educação Ambiental Crítica: do conservadorismo à ecopolítica emancipatória.** In: LAYRARGUES, P. P.; LIMA, G. N. (Orgs.). *Educação Ambiental: pesquisa e desafios.* São Paulo: Cortez, 2020.

LAYRARGUES, P. P. **Manifesto por uma Educação Ambiental indisciplinada.** *Ensino, Saúde e Ambiente*, Número Especial, p. 44-87, jun. 2020.

LEITE, C. A. R. Território e Identidade Cultural nas Comunidades Pesqueiras. **Revista Sociedade e Território**, v. 19, n. 1, p. 55-76, 2007.

LEITE, M. M. B. X. **Entre o rio e o mar: educação ambiental para o fortalecimento da comunidade pesqueira do Mosqueiro, Aracaju/SE.** 2007. 171f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2007.

LEONEL, Ronaldo Dos Santos; CASTRO, Andréia De Oliveira; ROSÁRIO, Klebson Daniel Sodrê Do. “Educação Ambiental: Desafios E Possibilidades No Cotidiano Da Educação Fundamental No Brasil.” **Revista Brasileira De Educação Ambiental**, V. 19, N. 8, P. 173–189, 2024.

LOUREIRO, C. F. **Educação ambiental transformadora.** Identidade da Educação Ambiental Brasileira. Brasília:MMA, 2004. p. 65-82.

MANGUE JORNALISMO. **Prefeitura de Aracaju aterra mangue e ameaça o Rio Vaza-Barris. Marisqueiras, pescadores e todo o ecossistema do manguezal são os principais afetados.** 3 jul. 2024.

MARQUES, J. G. W. **Pescando pescadores: etnoecologia abrangente no baixo São Francisco alagoano**. São Paulo: Núcleo de Apoio à Pesquisa de Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras – NUPAUB/USP, 1995. 285 p.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 5. ed. São Paulo: Hucitec, 1993. 269 p. ISBN 85-271-0181-5.

MORÁN, J. **Metodologias ativas para uma aprendizagem inovadora: uma abordagem teórica-prática**. Porto Alegre: Penso, 2018.

NASCIMENTO, L. M. B.; NEPOMUCENO, A. L. O.; MANDLATE, C. D.; TAVARES, D. A. B. **A emergência do educador ambiental crítico a partir da formação docente: importância do saber socioambiental na construção de projetos de intervenção coletivos**. Revista Brasileira de Educação Ambiental (RevBEA), São Paulo, v. 16, n. 2, p. 212–231, 2021.

NEPOMUCENO, A. L.O.; MODESTO, M. A.; FONSECA, M. R.; SANTOS, H. C. A. **O não lugar da formação ambiental na educação básica: reflexões à luz da BNCC e da BNC-formação**. Educação em Revista, Belo Horizonte, v. 37, 2021.

NUNES, S. I. F. **A Comunidade Pesqueira do Mosqueiro: entre a maré e a grande Aracaju**. Apresentação no *I Seminário Espaços Costeiros*, 26 a 29 de setembro de 2011. Eixo Temático 2 – Litoral Urbano: apropriação, usos e conflitos. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.

OLIVEIRA, B.J. **Cinema e imaginário científico. História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 13, n.p. 133-150, out. 2006.

PIOVESAN, Armando; TEMPORINI, Edméa Rita. **Pesquisa exploratória: procedimento metodológico para o estudo de fatores humanos no campo da saúde pública**. Revista de Saúde Pública, São Paulo, Brasil, v. 29, n. 4, p. 318–325, 1995. DOI: 10.1590/S0034-89101995000400010.

PELACANI, B.; MENEZES, A. K.; CAMARGO, D. R.; SANCHEZ, C.; STORTTI, M. **Educação ambiental de base comunitária e a luta pela água**. Praxis & Saber, Tunja, v. 12, n. 28, p. 1-12, jan./abr. 2021. DOI: 10.19053/22160159.v12.n28.2021.11470.

PIOVESAN, A.; TEMPORINI, E. R. **Pesquisa exploratória: procedimento metodológico para o estudo de fatores humanos no campo da saúde pública**. Revista de Saúde Pública, São Paulo, v. 29, n. 4, p. 318–325, ago. 1995.

SANTOS, K. P. P.; VIEIRA, I. R.; ALENCAR, N. L.; SOARES, R. R.; DE BARROS, R. F. M. **Atividade pesqueira e conhecimento etnoicliológico na comunidade de pescadores artesanais de Miguel Alves/PI, Brasil**. Boletim do Instituto de Pesca, v.44, n.1, p.25-34, 2017. <http://dx.doi.org/10.20950/1678-2305.2018.272>.

SAUVÉ, L. “A Educação Ambiental E A Construção De Uma Sociedade Sustentável.” Educação & Sociedade, São Paulo, V. 17, N. 58, P. 19–39, 1996.

SEIXAS, S. R. C.; HOEFFEL, J. L. M.; RENK, M.; SILVA, B. N.; LIMA, F. B. **Percepção de pescadores e maricultores sobre mudanças ambientais globais no litoral Norte Paulista, São Paulo, Brasil.** Revista de Gestão Costeira Integrada, v. 14, n. 1, P. 51-64, 2014.

SERGIPE. Secretaria de Estado da Educação e da Cultura. Portaria nº 0672/2023/GS/SEDUC, de 13 de fevereiro de 2023. **Dispõe sobre normas e diretrizes para o funcionamento das Instituições de Ensino integrantes da Rede Pública Estadual.**

SILVA, A. M.; FELIPE, G.; MENDONÇA, N. M. T.; ALMINO, J. L.; OLIVEIRA, C. A. P.; DUARTE, F. P.; GÓES, M. C. C.; FERREIRA, R. A. S.; SAMPAIO, Â. M. M.; COSTA, E. K. B.; MONTEIRO, G.; ROCHA, V. A.; LIMA, A. B.; LIMA, O. S. F. C. **A educação ambiental como ferramenta transformadora: análise das práticas interdisciplinares e os desafios de sua implementação na educação básica.** *IOSR Journal of Business and Management (IOSR-JBM)*, [S.l.], v. 27, n. 5, série 10, p. 44–55, maio 2025. e-ISSN 2278-487X, p-ISSN 2319-7668. DOI: 10.9790/487X-2705104455.

SILVANO, R. A. M.; HALLWASS, G.; RIBEIRO, A. R.; HASENACK, H.; JURAS, A. A.; LOPES, P. F. M.; CLAUZET, M.; BEGOSSI, A.; LIMA, R. P.; ZUANON, J. A. S. **Pesca, etnoictiologia e ecologia de peixes em lagoas e igarapés do Baixo Rio Tocantins.** In: V Congresso de Inovação Tecnológica em Energia Elétrica (V CITENEL), 2009, Belém. *Anais...* Belém: Aneel, 2009.

SOUSA, T. D. G. **Etnoecologia da pesca artesanal e percepção ambiental sobre os impactos à ictiofauna no submédio e baixo São Francisco.** Dissertação (Mestrado em Ecologia e Conservação)—Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 100f., 2018.

TARDIF, M. Princípios para guiar a aplicação dos programas de formação inicial para o ensino. In: PERES, Eliane et al. (Orgs.). **Trajetórias e processos de ensinar e aprender: didática e formação de professores.** Porto Alegre: EDI- PUCRS, 2008. p. 17-46.

## 6. APÊNDICE 1 - Parecer Comitê de Ética

UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
SERGIPE (UFS)



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** RECURSOS AUDIOVISUAIS COMO FERRAMENTA DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL: A ETNOICHTIOLOGIA NA INTEGRAÇÃO ENTRE COMUNIDADE PESQUEIRA E A ESCOLA.

**Pesquisador:** Aline Lima de Oliveira Nepomuceno

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 87870825.5.0000.5546

**Instituição Proponente:** FUNDACAO UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 7.567.754

#### Apresentação do Projeto:

As informações elencadas nos campos *Apresentação do Projeto*, *Objetivo da Pesquisa* e *Avaliação dos Riscos e Benefícios* foram retiradas do arquivo *Informações Básicas da Pesquisa* *PB\_INFORMAÇÕES\_BÁSICAS\_DO\_PROJETO\_2536874.pdf* postado na Plataforma Brasil em 22/04/2025.

#### INTRODUÇÃO,

Nascida e criada em berço pesqueiro, sob as águas do rio vaza barris, mosqueiro, Aracaju-SE, o mínimo de responsabilidade que me assola principalmente como futura bióloga, é poder devolver os devidos cuidados a quem me criou, a natureza. Durante a infância, me perguntava ao admirar de perto o rio e o manguezal berço dos animais marinhos, como preservar tamanha imensidão. Mas, a escola não tinha respostas. Logo, ao adentrar a Universidade Federal de Sergipe, cursando Ciências biológicas, notei que com ações de Educação Ambiental poderia contribuir para a conservação da imensidão situada anteriormente. Educação ambiental é um processo permanente, no qual os indivíduos e a comunidade tomam consciência do seu meio ambiente e adquirem conhecimentos, valores, habilidades, experiências e determinação que os tornam aptos a agir individual e coletivamente e resolver problemas ambientais presentes e

**Endereço:** Rua Cláudio Batista s/n B. Sanatório *Prédio do Centro de Pesquisas Biomédicas - HU*  
**Bairro:** Sanatório **CEP:** 49.060-110  
**UF:** SE **Município:** ARACAJU  
**Telefone:** (79)3194-7208 **E-mail:** cep@academico.ufs.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
SERGIPE (UFS)



Continuação do Parecer: 7.567.754

futuros (Piva, 2008, p86). Partindo do pressuposto, tendo em vista falta da educação ambiental contextualizada no meu período escolar, retorno à comunidade com o intuito de inseri-la na rede básica de ensino. Ademais, ir além, para que com a EA toda a comunidade também preservem a natureza que estão inseridos. Em virtude disso, vale salientar que a Comunidade do Mosqueiro está localizada no extremo sul da ZEU, no município de Aracaju. Segundo o macrozoneamento da Secretária de Planejamento do Município (SEPLAN), o Mosqueiro está compreendido na Zona de Expansão de Aracaju, tendo como limites à Leste, o Oceano Atlântico; a Oeste, o Canal Santa Maria; e o rio Vaza Barris, a Sul e Sudoeste. Onde também se encontra inserida a Área de Proteção Ambiental da Foz do Rio Vaza Barris, instituída pelo Decreto Estadual nº 2.795, de 30 de março de 1990, que determina como área de proteção permanente, a ilha localizada na foz do rio Vaza Barris, Ilha do Paraíso (Mirsa, 2007). A partir disso, sendo o Mosqueiro banhado pelo estuário do Rio Vaza Barris, a população utiliza-se de recursos naturais para sobrevivência, como é o caso dos pescadores artesanais, constituindo-se em comunidade pesqueira definida como um grupo social cujas práticas culturais, econômicas e sociais estão diretamente ligadas à pesca como principal meio de subsistência e identidade coletiva. Essas comunidades se organizam em torno de territórios pesqueiros, rios, estuários, lagoas, manguezais ou mar aberto e desenvolvem um profundo conhecimento sobre os ecossistemas aquáticos, o comportamento das espécies e as práticas sustentáveis de manejo, transmitidas entre gerações. Elas não são apenas locais de produção de alimento, mas também espaços de memória, cultura e resistência, sendo fundamentais para a conservação da biodiversidade e para a segurança alimentar em diversas regiões do Brasil (Silva et al., 2021). Nesse sentido, a Etnoictiologia é totalmente presente na vida e manutenção desses pescadores pois permite compreender como as pessoas percebem, classificam e utilizam os peixes, além de fornecer informações valiosas para a conservação e o manejo sustentável das espécies exploradas na pesca (Silvano et al., 2009). Esse conhecimento tradicional é adquirido por meio da interação direta entre pescadores, peixes e o ambiente, sendo transmitido de geração em geração. A Etnoictiologia estuda a dinâmica da interação entre homens e peixes, envolvendo a percepção humana acerca deste recurso ao englobar aspectos cognitivos e comportamentais (Marques 1995). O Conhecimento Ecológico Local (CEL) dos pescadores resulta da acumulação de observações ao longo do tempo, de maneira semelhante ao conhecimento científico, embora ambos adotem abordagens diferentes (Berkes et al., 2000). Por isso, a Educação Ambiental torna-se fundamental para intervenção em comunidades como estas, visando a preservação ambiental dos recursos naturais. Outrossim, Dias (1998)

**Endereço:** Rua Cláudio Batista s/n B. Sanatório 4 Prédio do Centro de Pesquisas Biomédicas - HU  
**Bairro:** Sanatório **CEP:** 49.060-110  
**UF:** SE **Município:** ARACAJU  
**Telefone:** (79)3194-7208 **E-mail:** cep@academico.ufs.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
SERGIPE (UFS)



Continuação do Parecer: 7.567.754

esclarece que comunidades pesqueiras são ambientes ideais para o desenvolvimento de conhecimentos, valores, atitudes e atributos favoráveis ao meio, sendo que a EA é um caminho fundamental para atuação nesse processo. Para tanto, é fundamental que essa educação chegue até as comunidades pesqueiras, através de instrumentos pedagógicos dinâmicos e significativos, como os materiais audiovisuais, propiciando aos pescadores e familiares o esclarecimento e a tomada de consciência da interdependência econômica, social, política e ecológica nos diversos segmentos da sociedade (Dias, 1993). Um estudo de Fontes (2015) destaca que a pesca predatória no rio Vaza-Barris pode levar à diminuição da biodiversidade local, a pesquisa identificou 20.418 exemplares de 112 espécies de peixes no estuário do rio, evidenciando sua rica diversidade. Além disso, práticas de pesca inadequadas, como o uso de petrechos proibidos, têm sido associadas à redução dos recursos pesqueiros e à perda de identidade cultural das comunidades ribeirinhas. Esses achados ressaltam a necessidade urgente de implementar políticas públicas eficazes para a conservação ambiental e a sustentabilidade dos recursos hídricos na região. Para que tais políticas sejam eficazes, o ensino e a disseminação de informações sobre a importância da preservação ambiental são fundamentais. Nesse contexto, o cinema e a produção de imagens assumem um papel central na contemporaneidade, tornando-se ferramentas poderosas para a socialização de informações e a construção do conhecimento (Oliveira, 2006; Fischer, 2009). Como manifestação sociocultural, o cinema pode ser compreendido como uma estrutura plural, que envolve não apenas a produção e o consumo de conteúdos audiovisuais, mas também os hábitos, valores simbólicos e a criatividade imaginária de uma sociedade (Gutfreind, 2006). Dessa forma, ele se consolida como um elemento fundamental na formação da consciência coletiva, influenciando a percepção, a experiência e a interação dos indivíduos com o mundo ao seu redor (Gutfreind, 2006). O uso de recursos audiovisuais no contexto cultural e educacional funciona como uma ferramenta poderosa para enriquecer o processo de ensino-aprendizagem. As experiências com animações podem tratar da percepção de habilidades, identidades, produção de saberes, visão de mundo e a criticidade dos sujeitos sociais, elucidando a pedagogia do cinema como método de ensino (Souza & Guimarães, 2013). É notório que a utilização dos materiais audiovisuais na promoção das ações de Educação Ambiental têm-se tornado cada vez mais frequente, tendo em vista que funcionam como importantes ferramentas de apoio, pois permitem a utilização de um conjunto de múltiplas linguagens: texto, som e imagem, que facilitam a compreensão. De modo geral, a utilização desses materiais tem contribuído na construção e na acessibilidade da informação socioambiental, atuando, assim como estratégia

**Endereço:** Rua Cláudio Batista s/n B. Sanatório 4 Prédio do Centro de Pesquisas Biomédicas - HU  
**Bairro:** Sanatório **CEP:** 49.060-110  
**UF:** SE **Município:** ARACAJU  
**Telefone:** (79)3194-7208 **E-mail:** cep@academico.ufs.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
SERGIPE (UFS)



Continuação do Parecer: 7.567.754

para a formação de uma sociedade mais democrática e sustentável (Martirani et al., 2011). O uso de documentários pode ser um meio acessível para o debate, agindo como suporte para a sensibilização acerca de temas transversais como Educação Ambiental (EA) que busca promover a conscientização dos indivíduos e das comunidades sobre o meio ambiente, fornecendo conhecimento e habilidades essenciais para a implementação de ações voltadas à conservação (Dias, 2004). Seu caráter interdisciplinar e participativo busca envolver a comunidade, direcionando-se à resolução de problemas ambientais (Dias, 2004). Segundo Fortunato (2020), a inserção da EA nas escolas, pode possibilitar a formação de cidadãos conscientes com suas ações em relação às suas práticas com o meio ambiente. De modo que nas escolas haja uma contribuição, de maneira que os estudantes sejam conscientes e aptos para decidirem e atuarem na realidade socioambiental de um modo comprometido com a vida. Nesse contexto, a escola atua como instrumento socializador e colaborador na formação de sujeitos, buscando a construção do saber, da dignidade e do próprio ser humano, ou seja, ensina para a vida. Na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a inserção da EA nas escolas vem por meio dos temas transversais, possibilitando ações interdisciplinares e contextualizadas, a partir de temas socioambientais locais de cada região (Helder, 2022). Em virtude disso, considerando a potencialidade de trabalhar a EA contextualizada, para um olhar crítico e realista dentro de comunidades costeiras, sendo assim, o presente estudo busca sensibilizar tanto os pescadores artesanais, levando em consideração a valorização dos saberes ecológicos para extração de recursos naturais, esclarecendo tamanha importância do uso de apetrechos corretos para pesca. Além disso, do período de defeso a ser respeitado, o trabalho ainda busca inserir a comunidade como um todo na escola de Ensino Médio inserida nas imediações para ações de educação ambiental, tendo em vista, uma contextualização local, com o intuito de conhecer para conservar. Nesse sentido, levando em consideração a potencialidade da educação ambiental para desempenhar um papel crucial na formação de cidadãos conscientes e na promoção de práticas sustentáveis. Ela possibilita que indivíduos e comunidades adquiram conhecimentos, desenvolvam habilidades e adotem atitudes voltadas para a conservação do meio ambiente. Conforme destacado por Lucena (2017), o ensino de Educação Ambiental é de suma importância para todos, considerando que é mediante a educação que as pessoas tornam-se mais conscientes e cidadãos, compreendendo melhor os direitos e deveres para com a comunidade e o meio ambiente como um todo. A pesquisa busca responder o seguinte questionamento: De que maneira o uso de recursos audiovisuais pode integrar a comunidade pesqueira e a escola, promovendo a sensibilização ambiental através da

**Endereço:** Rua Cláudio Batista s/n B. Sanatório 4 Prédio do Centro de Pesquisas Biomédicas - HU  
**Bairro:** Sanatório **CEP:** 49.060-110  
**UF:** SE **Município:** ARACAJU  
**Telefone:** (79)3194-7208 **E-mail:** cep@academico.ufs.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
SERGIPE (UFS)



Continuação do Parecer: 7.567.754

etnoictiologia? A indagação da infância parcialmente respondida precisa agora ser testada e provada, para saber se realmente há possibilidades de preservar a imensidão com a cultura local, por meio da EA. Em virtude disso, a pesquisa justifica-se, portanto, em esfera pessoal por meio do compromisso com a comunidade pesqueira do Mosqueiro, onde fui sustentada pela pesca artesanal. Sobretudo, despertou em mim a consciência ambiental e o desejo de retribuir à comunidade por meio da educação. Levar práticas de Educação Ambiental tanto para os pescadores quanto para os alunos é uma forma de fortalecer os laços entre saber popular e científico, valorizando os conhecimentos ecológicos locais e promovendo uma aprendizagem mútua. Tendo em vista que, no Rio Vaza Barris é um local de crescimento, alimentação e reprodução de muitas espécies, o trabalho configura-se na esfera ambiental com alta importância. Visto que, segundo Dias (1998) as comunidades pesqueiras são ambientes ideais para o desenvolvimento de conhecimentos, valores, atitudes e atributos favoráveis ao meio, sendo que a EA é um caminho fundamental para atuação nesse processo. Para tanto, é fundamental que essa educação chegue até as comunidades pesqueiras, através de instrumentos pedagógicos dinâmicos e significativos, como os materiais audiovisuais, propiciando aos pescadores e familiares o esclarecimento e a tomada de consciência da interdependência econômica, social, política e ecológica nos diversos segmentos da sociedade (Dias, 1993). Outrossim, no contexto escolar a EA é fundamental no processo de formação, nesta esfera a motivação parte das inquietações em não ter práticas, projetos e atividades de EA na escola de aplicação da pesquisa. Sendo que, a implementação da Educação Ambiental em escolas e concebe a mesma como uma abordagem educacional que visa uma mudança de paradigmas rumo ao desenvolvimento sustentável. Seria como sinalizador da exigência de respostas educativas a este desafio contemporâneo de repensar as relações entre sociedade e natureza (Carvalho, 2001, p.78).

Hipótese:

O uso de recursos audiovisuais como documentários educativos pode favorecer a integração entre a comunidade pesqueira do Mosqueiro e a escola, promovendo a valorização do conhecimento ecológico local (CEL) e a sensibilização ambiental dos estudantes para a conservação da ictiofauna do rio Vaza Barris.

METODOLOGIA PROPOSTA,

A pesquisa caracteriza-se como exploratória, somado a isso, fundamenta-se na perspectiva

**Endereço:** Rua Cláudio Batista s/n B. Sanatório 4 Prédio do Centro de Pesquisas Biomédicas - HU  
**Bairro:** Sanatório **CEP:** 49.060-110  
**UF:** SE **Município:** ARACAJU  
**Telefone:** (79)3194-7208 **E-mail:** cep@academico.ufs.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
SERGIPE (UFS)



Continuação do Parecer: 7.567.754

qualitativa, destaca-se ainda como aplicada, fenomênica, a pesquisa será conduzida, por observação participante, uma do tipo pesquisa de campo. Ligado a isso, vale ressaltar que, a coleta de dados será realizada por; diário de campo, rotação por estações, entrevista semiestruturada.

**CRITÉRIOS DE INCLUSÃO,**

Os critérios de inclusão dos alunos participantes desta pesquisa serão: i) Discentes regularmente matriculados no Ensino Médio no Colégio Leonor Teles de Menezes; ii) Frequentando normalmente as aulas; iii) Ter disponibilidade e vontade para participar da pesquisa e assinar os termos vigentes; iv) Para os menores de 18 anos, terem o consentimento dos responsáveis por meio da assinatura do (TALE). Os critérios de inclusão dos pescadores artesanais i) Ser membro da associação de pescadores do bairro; ii) Ter disponibilidade em participar da pesquisa e assinar os termos vigentes.

**CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO,**

Os critérios de exclusão dos alunos i) Não estar devidamente matriculado no Ensino Médio no Colégio Leonor Teles de Menezes; ii) Ter excedido o número de falta nas aulas; iii) Não ter disponibilidade ou não querer participar; iv) Para os menores de 18 anos, não terem o consentimento dos responsáveis por meio da assinatura do (TALE). Os critérios de exclusão dos pescadores artesanais i) Não ser membro da associação de pescadores do bairro; ii) Não ter disponibilidade.

**METODOLOGIA DE ANÁLISE DE DADOS\*.**

Os dados da pesquisa serão coletados de várias formas, durante a rotação por estações com os alunos, os dados vão ser coletados por meio da rotina de pensamento e sistematizados em cartolinas com post its. Ademais, durante a produção do documentário, os dados serão coletados por meio das entrevistas semiestruturadas e principalmente através das anotações no caderno de campo. Para anotação sistemática dos dados, usaremos na pesquisa, a utilização de diários de campo como ferramenta de pesquisa que possibilita visibilizar aspectos da implicação do(a) pesquisador(a) com o campo estudado. Tal modalidade de escrita compreende a descrição dos procedimentos do estudo, do desenvolvimento das atividades realizadas e também de possíveis alterações realizadas ao longo do percurso da pesquisa, além de servir como uma narrativa textual das impressões do(a) pesquisador(a). No diário se

**Endereço:** Rua Cláudio Batista s/n B. Sanatório 4 Prédio do Centro de Pesquisas Biomédicas - HU  
**Bairro:** Sanatório **CEP:** 49.060-110  
**UF:** SE **Município:** ARACAJU  
**Telefone:** (79)3194-7208 **E-mail:** cep@academico.ufs.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
SERGIPE (UFS)



Continuação do Parecer: 7.567.754

traz para o debate os conhecimentos e saberes dos(as) pesquisadores(as), propostas e ações, suas angústias, desejos, avanços e dificuldades (Pezzato & L'abbate, 2011). Desta forma, o diário de campo também se constitui como ferramenta de intervenção ao provocar reflexões sobre a própria prática de pesquisa e das decisões em relação ao planejamento, desenvolvimento, método de análise e divulgação científica. Em virtude disso, para a estratégia metodológica para análise dos dados coletados, será utilizada a Triangulação de Dados. O conceito de triangulação, conforme diversos autores, é proveniente da técnica de navegação, em que se tomam pelo menos três pontos diferentes para se determinar a localização de um objeto (Smith apud Easterbysmith; Thorpe; Lowe, 1999). Segundo, Stake (2005; 2011) a triangulação funciona como um meio para a compreensão dos dados pelo pesquisador. De acordo com este autor, trata-se de um método que utiliza dados adicionais para validar ou ampliar as interpretações feitas pelo pesquisador. São adotadas diferentes percepções para esclarecer o significado por meio da repetição das observações ou interpretações.

#### **Objetivo da Pesquisa:**

**NO SEGUNDO CAMPO:** Objetivo da Pesquisa

Sensibilizar os alunos do Colégio Leonor Teles de Menezes para a conservação da ictiofauna do Rio Vaza Barris, através de recursos audiovisuais.

Objetivo Secundário:

i) Investigar os conhecimentos prévios dos alunos sobre a ictiofauna nativa do rio Vaza Barris, bem como, sobre a pesca artesanal local. ii) Elaborar documentários sobre o conhecimento Ecológico Local (CEL) dos pescadores e informações disponíveis na literatura acerca do rio Vaza Barris; iii) Sensibilizar a comunidade sobre a importância da ictiofauna do Rio Vaza Barris, através da etnoictiologia.

#### **Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

**RISCOS:**

A presente pesquisa envolve riscos mínimos aos participantes, porém, por tratar-se de um trabalho com seres humanos, é imprescindível considerar possíveis impactos. Um dos riscos está relacionado ao abordarmos temas ligados à pesca artesanal e às dificuldades enfrentadas pela comunidade, pode haver o despertar de lembranças dolorosas ou situações emocionalmente sensíveis. Também é importante reconhecer que a produção e a veiculação

**Endereço:** Rua Cláudio Batista s/n B. Sanatório 4 Prédio do Centro de Pesquisas Biomédicas - HU  
**Bairro:** Sanatório **CEP:** 49.060-110  
**UF:** SE **Município:** ARACAJU  
**Telefone:** (79)3194-7208 **E-mail:** cep@academico.ufs.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
SERGIPE (UFS)



Continuação do Parecer: 7.567.754

dos vídeos podem provocar discordâncias dentro da própria comunidade, caso alguém se sinta excluído ou mal representado. Para evitar esses riscos, todas as pessoas envolvidas serão previamente informadas sobre os objetivos da pesquisa e terão total liberdade para decidir se desejam ou não participar. Será utilizado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), garantindo que os participantes compreendam plenamente os procedimentos, riscos e benefícios do estudo, autorizando formalmente o uso de suas contribuições. Somado a isso, em relação aos alunos participantes os riscos oferecidos é em relação a voz dos alunos durante as produções audiovisuais. Ainda que o uso seja previamente autorizado por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e Termo de Autorização para o uso de imagens e áudios, há a possibilidade de os estudantes ficarem tímidos e nervosos com a pesquisa. Por isso, todas as atividades com os estudantes serão conduzidas com escuta atenta, respeito às opiniões individuais e garantia de um ambiente seguro e acolhedor, sempre permitindo a livre escolha de participação e assegurando o direito à privacidade, sigilo e retirada da pesquisa a qualquer momento, sem prejuízo algum.

#### BENEFÍCIOS:

Em contrapartida, os benefícios esperados com a pesquisa são significativos tanto em nível individual quanto coletivo. Para os alunos da escola, haverá um fortalecimento do vínculo com o território em que vivem, além do desenvolvimento da consciência ambiental, por meio da EA. Para os pescadores e demais membros da comunidade pesqueira, a pesquisa representa uma oportunidade de registrar, valorizar e divulgar seu conhecimento ecológico local, o que pode contribuir para o reconhecimento social e cultural da importância do seu trabalho. Ademais para sensibilizar toda a comunidade tanto em relação ao período do defeso, quanto à pesca predatória, contribuindo assim para a biodiversidade local e para a manutenção do recurso pesqueiro essencial para o sustento da comunidade.

#### Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa caracteriza-se como exploratória, Somado a isso, fundamenta-se na perspectiva qualitativa, destaca-se ainda como aplicada, fenomênica, a pesquisa será conduzida, por observação participante, uma do tipo pesquisa de campo. Ligado a isso, vale ressaltar que, a coleta de dados será realizada por; diário de campo; rotação por estações; entrevista semiestruturada.

**Endereço:** Rua Cláudio Batista s/n B. Sanatório 4 Prédio do Centro de Pesquisas Biomédicas - HU  
**Bairro:** Sanatório **CEP:** 49.060-110  
**UF:** SE **Município:** ARACAJU  
**Telefone:** (79)3194-7208 **E-mail:** cep@academico.ufs.br

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
SERGIPE (UFS)**



Continuação do Parecer: 7.567.754

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Vide campo "Conclusões ou Pendências e Lista de inadequações"

**Recomendações:**

Vide campo "Conclusões ou Pendências e Lista de inadequações"

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Não foram observados óbices éticos.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Conforme Resolução CNS 466/2012, itens X.1.- 3.b. e XI.2.d, e Resolução CNS 510/2016, Art. 28, inc. V, os pesquisadores responsáveis deverão apresentar relatórios parcial semestral e final do projeto de pesquisa, contados a partir da data de aprovação do protocolo de pesquisa inicial.

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2536874.pdf	14/04/2025 22:04:53		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_DETALHADO.pdf	14/04/2025 21:57:52	KASSIANE QUEIROZ FEITOZA	Aceito
Outros	TERMO_DE_AUTORIZA_O_PARA_USO_DE_IMAGEM_E_DEPOIMENTO_ALUNO.pdf	14/04/2025 21:43:40	KASSIANE QUEIROZ FEITOZA	Aceito
Outros	TERMO_DE_AUTORIZA_O_PARA_USO_DE_IMAGEM_E_DEPOIMENTO_PESCADORES.pdf	14/04/2025 21:21:18	KASSIANE QUEIROZ FEITOZA	Aceito
Outros	TERMO_DE_COMPROMISSO_PARA_UTILIZACAO_DE_DADOS.pdf	14/04/2025 20:59:12	KASSIANE QUEIROZ FEITOZA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_PESCADORES.pdf	14/04/2025 20:52:56	KASSIANE QUEIROZ FEITOZA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_PAIS_DOS_ALUNOS.pdf	14/04/2025 20:50:03	KASSIANE QUEIROZ FEITOZA	Aceito
Outros	TERMO_DE_COMPROMISSO_E_CON	14/04/2025	KASSIANE	Aceito

**Endereço:** Rua Cláudio Batista s/n B. Sanatório, Prédio do Centro de Pesquisas Biomédicas - HU  
**Bairro:** Sanatório **CEP:** 49.060-110  
**UF:** SE **Município:** ARACAJU  
**Telefone:** (79)3194-7208 **E-mail:** cep@academico.ufs.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
SERGIPE (UFS)



Continuação do Parecer: 7.567.754

Outros	IDENCIALIDADE.pdf	20:45:06	QUEIROZ FEITOZA	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	TERMO_DE_AUTORIZACAO_INFRAESTRUTURA_ESCOLA.pdf	14/04/2025 20:38:44	KASSIANE QUEIROZ FEITOZA	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	TERMO_DE_AUTORIZACAO_E_EXISTENCIA_DE_INFRAESTRUTURA_PESCADORES.pdf	14/04/2025 20:24:59	KASSIANE QUEIROZ FEITOZA	Aceito
Outros	modelo_TALE_UFS.pdf	14/04/2025 19:59:43	KASSIANE QUEIROZ FEITOZA	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.pdf	14/04/2025 19:54:00	KASSIANE QUEIROZ FEITOZA	Aceito
Orçamento	ORCAMENTO.pdf	14/04/2025 19:51:57	KASSIANE QUEIROZ FEITOZA	Aceito
Outros	Roteiro_de_entrevista_semiestruturada.pdf	14/04/2025 19:46:02	KASSIANE QUEIROZ FEITOZA	Aceito
Folha de Rosto	FOLHA_DE_ROSTO.pdf	14/04/2025 19:39:04	KASSIANE QUEIROZ FEITOZA	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

ARACAJU, 14 de Maio de 2025

Assinado por:  
**ROBELIUS DE BORTOLI**  
(Coordenador(a))

**Endereço:** Rua Cláudio Batista s/n B. Sanatório 4 Prédio do Centro de Pesquisas Biomédicas - HU  
**Bairro:** Sanatório **CEP:** 49.060-110  
**UF:** SE **Município:** ARACAJU  
**Telefone:** (79)3194-7208 **E-mail:** cep@academico.ufs.br

## 7. APÊNDICE 2 - Roteiro de entrevista semiestruturada

Público: pescadores artesanais do bairro Mosqueiro, Aracaju SE.

A entrevista será como roteiro para os alunos do Colégio Leonor Teles de Menezes, entrevistarem os pescadores artesanais. Com o objetivo específico de elaborar documentários sobre o conhecimento Ecológico Local (CEL) dos pescadores e informações disponíveis na literatura acerca do rio Vaza-Barris;

1. Você pode contar há quanto tempo pesca no Rio Vaza-Barris?
2. Quais são os peixes mais comuns que você costuma pescar por aqui?
3. Tem algum peixe que era comum antes e hoje quase não aparece mais? Por quê, na sua opinião?
4. Como você aprendeu a pescar? Foi com alguém da sua família ou com outra pessoa da comunidade?
5. Você já ouviu falar de pesca predatória? O que você acha disso?
6. Você acha que a pesca artesanal está em risco? Quais são as maiores dificuldades que os pescadores enfrentam hoje?
7. Tem alguma época do ano que você evita pescar certos peixes? Por quê?
8. Quais os maiores desafios que você já enfrentou sendo pescador?
9. Na sua opinião, o que poderia ser feito para proteger o rio e os peixes?
10. Você acha importante que as crianças e jovens aprendam sobre o rio e os peixes da nossa região? Por quê?
11. Qual o destino do peixe ao chegar em suas casas?